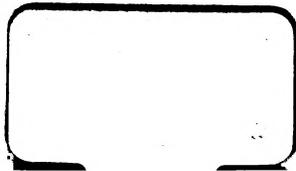


869.8  
A9938 *al*

A 465661

22



GUILHERME D'AZEVEDO

---

A

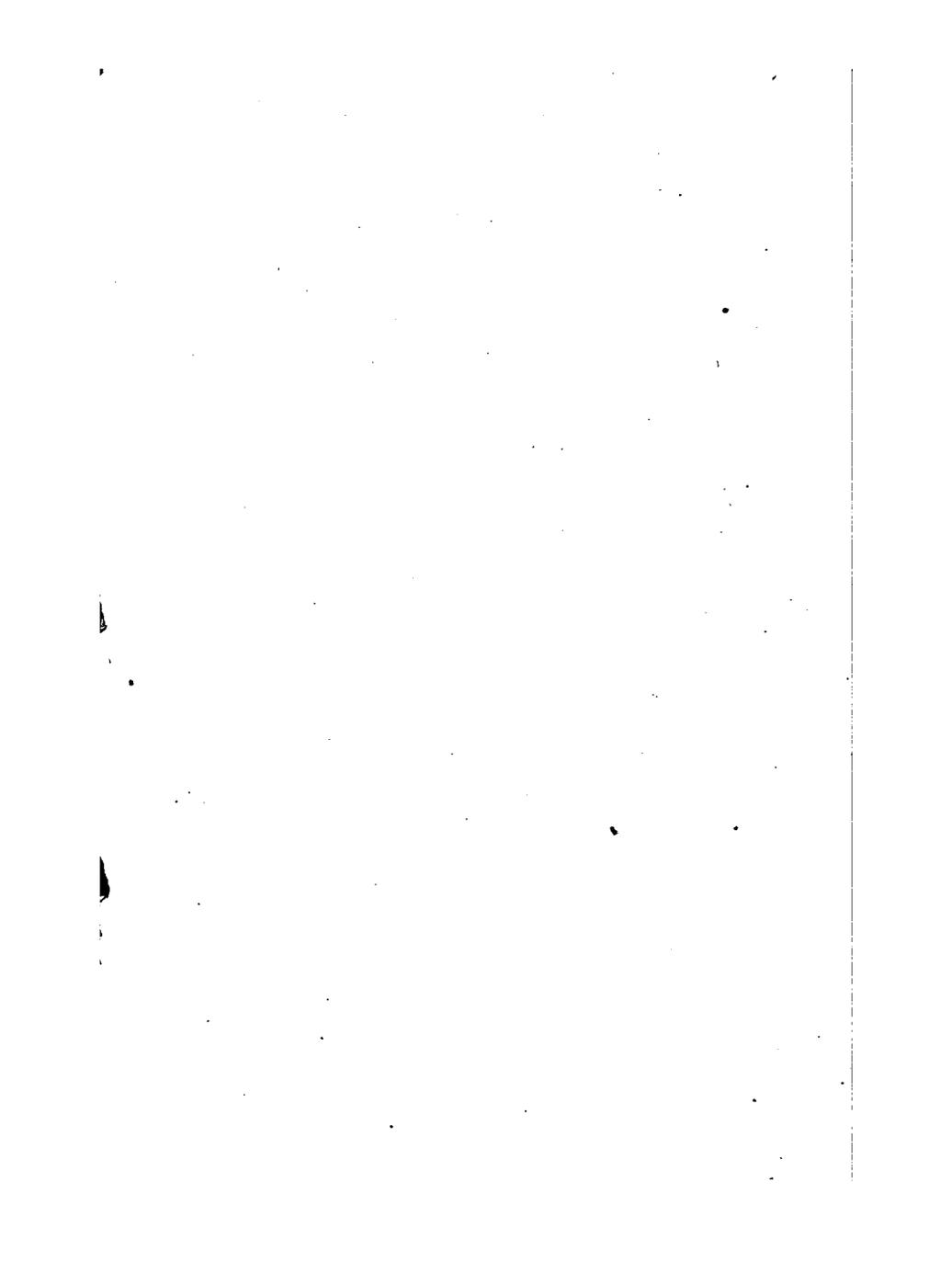
ALMA NOVA.



LISBOA  
TYPOGRAPHIA SOUSA & FILHO

Rua do Norte, 145

—  
1874



*et cetera*

*120 p. v.*

A ALMA NOVA

*off.*

*Exequiet Societas Poet.*

1982

GUILHERME D'AZEVEDO

---

A

ALMA NOVA.



LISBOA  
TYPOGRAPHIA SOUSA & FILHO  
Rua do Norte, 145

---

1874

869.8

A9938al .

100 - 100

A

ANTHERO DE QUENTAL



## A ANTERO DE QUENTAL

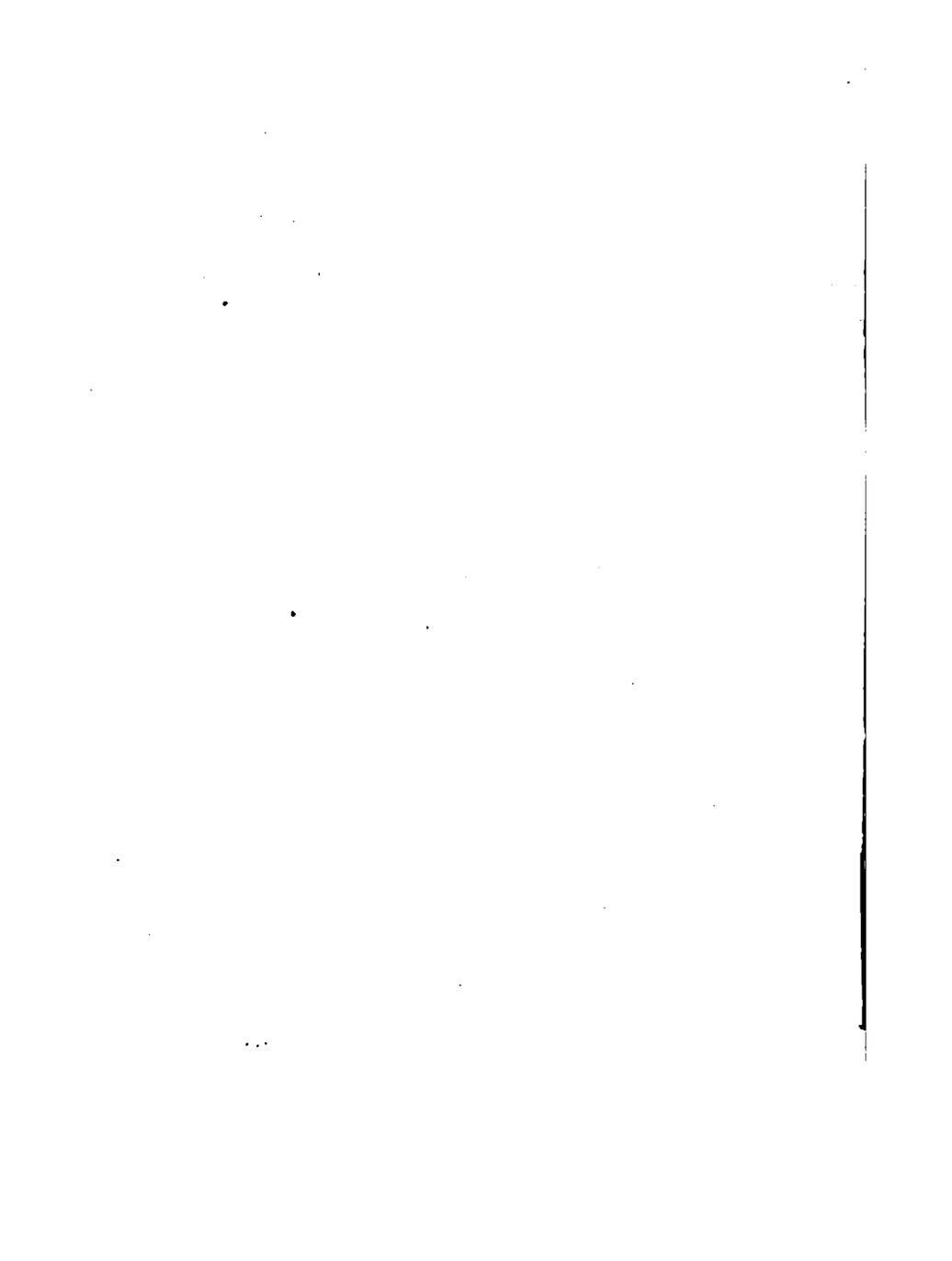
*Meu amigo.*

*Este livro parece-me um pouco do nosso tempo. Sorrindo ou combatendo, fala da Humanidade e da Justiça, inspirando-se no mundo que nos rodeia.*

*É porque julgo que elle segue na direcção nova dos espiritos, offerço-o a um obreiro honesto do pensamento: a uma alma lucida, moderna e generosa.*

**Dezembro de 1873.**

*Guilherme d'Arzvedo.*





I

Eu poucas vezes canto os casos melancolicos,  
Os lethargos gentis, os extasis bucolicos  
E as desditas crueis do proprio coração;  
Mas não celebros o vicio e odeio o desalinho  
Da muza sem pudor que mostra no caminho  
A liga á multidão.

A sagrada poesia, a peregrina eterna,  
Ouvi dizer que soffre uma affecção moderna,

Uns fastios sem nome, uns tedios ideaes;  
Que ensaia, presumida, o gesto romanesco  
E, vaidosa de si, no collo eburneo e fresco,  
Põe crèmes triviaes!

Oh, pensam mal de ti, da tua castidade!  
Deslumbra-os o fulgor dos astros da cidade,  
Os falsos ouropcis das cortezãs gentis,  
E julgam já tocar-te as roçagantes vestes  
Ó deusa virginal das coleras celestes,  
Das graças juvenis!

Retine a cançoneta alegre das bachantes,  
Saudadas nos wagons, nos caes, nos restaurantes,  
Visões d'olhar travesso e provocantes pés,  
E julgam já escutar a voz do paraiso,  
Amando o que ha de falso e torpe no sorriso  
Das musas dos cafés!

Oh, tu não és, de certo, a virgem quebradiça  
Estiolada e gentil, que vem depois da missa  
Mostrar pela cidade o seu fino desdem,  
Nem a fada que sente um vaporoso tédio  
Enquanto vae sonhando um noivo rico e nédio  
Que a possa pagar bem!

Nem posso mesmo crêr, archanjo, que tu sejas  
A meniña gentil que ás portas das egrejas  
Enquanto a multidão galante adora a cruz,  
A bem do pobre enfermo á turba pede esmola  
Nas pompas ideaes da moda, que a consola  
Das magoas do Jesus!

E nas horas de luta enquanto os povos choram  
E a guerra tudo mata e os reis tudo devoram,  
Não posso dizer bem se acaso tu serás  
A senhora que espalha os languidos fastios

Nos pomposos salões, sorrindo a fazer fios  
Á viva luz do gaz!

Tu és a apparição gentil, meia selvagem,  
D'olhar profundo e bom, de candida roupagem,  
De fronte immaculada e seios virginaes,  
Que desenha no espaço o limpido contorno  
E cinge na cabeça o virginal adorno  
De folhas naturaes.

Tens a linha ideal das candidas figuras;  
As curvas divinaes; as tintas sãs e puças  
Da austera virgindade; as bellas correcções;  
E segues magestosa em teu longo caminho  
Deixando fluctuar a tunica de linho  
Ás frescas virações!

Quando trava batalha a tua irmã Justiça  
Acodes ao combate e apontas sobre a liça

Uma espada de luz ao Mal dominador:  
E pensas na belleza harmonica das cousas  
Sentindo que se move um mundo sob as louzas  
No germen d'uma flôr!

N'um sorriso cruel, pungente d'ironia,  
Tambem sabes vibrar, serena, altiva e fria,  
O latego febril das grandes punições;  
E vendo-te sorrir, a geração doente,  
Sentir cuida, talvez, a nota decadente,  
Das morbidas canções!

Oh, vóa sem cessar traçando nos teus hombros  
O manto constellado, ó deusa dos assombros,  
Até chegar um dia ás regiões de luz,  
Aonde, na poeira aurifera dos astros,  
Constricto, Satanaz enxugará de rastos,  
As chagas de Jesus!

Logar á minha fada ó languidas senhoras!  
E vós que amaes do circo as noites tentadoras,  
Os fluctuantes véos, os gestos divinaes,  
Podeis vel-a passar n'um turbilhão fantastico,  
Voando no corcel febril, nervoso, elastico,  
    Dos novos ideaes!



## II

Eu vi passar, além, vogando sobre os mares  
O cadaver d'Ophelia: a espuma da voragem  
E as algas naturaes, serviam de roupagem  
Á triste apparição das noites seculares!

Seguia tristemente ás regiões polares  
Nos limos das marés; e a rija cartilagem  
Sustinha-lhe tremendo aos halitos da aragem,  
No peito carcomido, uns grandes nenuphares!

Oh! lembro-me que tu, minha alma, em certos dias  
Sorriste já, também, nas vagas harmonias  
Das cousas ideaes! mas hoje á luz mortiça

Dos astros, caminhando; apenas as ruinas  
Das tuas creações fantasticas, divinas,  
De pasto vão servindo aos lyrios da justiça!



### III

## VELHA FARÇA

Rufa ao longe um tambor. Dir-se-ia ser o arranco  
D'um mundo que desaba; ahi vae tudo em tropel!  
Vão ver passar na rua um velho saltimbanco  
E uma féra que dança atada a um cordel.

Ó funambulos vis, comediantes rotos,  
O vosso riso alvar agrada á multidão!  
E quando vós passaes o archanjo dos esgotos  
Atira-vos a flôr que mais encontra á mão!

Lá vae tudo a correr : são as grotescas dansas  
D'uns velhos animaes que já foram crueis  
E agora vão soffrendo os risos das creanças  
E os apupos da turba a troco de dez réis.

Conta um velho histrião, descabellado e pallido,  
Da féra sanguinaria o instincto vil e mau,  
E vae chicoteando um urso meio invalido  
Que lambe as mãos ao povo e faz jogo de páu.

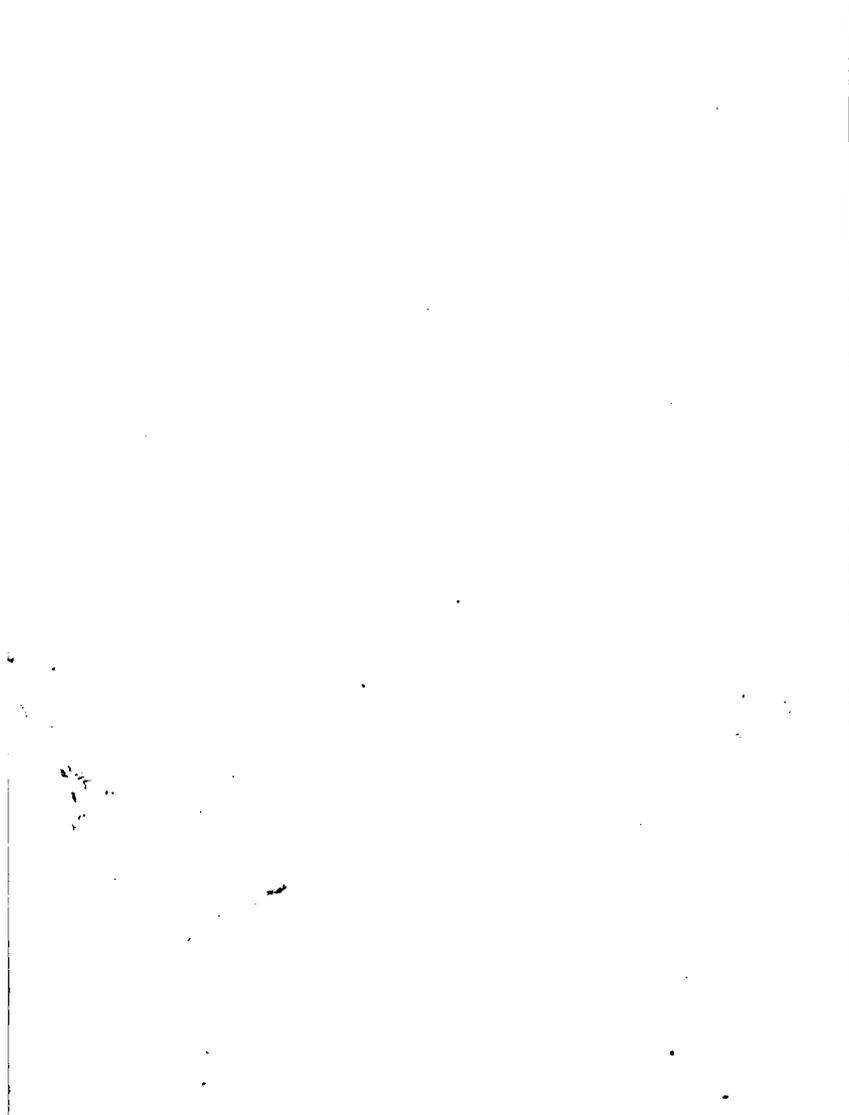
Depois inclina a face e obriga a que lh'a beije  
A fera legendaria olhada com pavor:  
E uma deosa gentil, vestida de bareje,  
Annuncia o prodigio a rufo de tambor !

E as mães erguem ao collo uns filhos enfezados  
Que nunca tinham visto a luz dos ouropeis :  
E accresce á multidão a turba dos soldados,  
— Ao ilota da cidade o escravo dos quartéis.

E o funambulo grita; impõe qual evangelho  
Á turba extasiada a grande narração.  
E sobre um cão enfermo um ourangotango velho  
Passeia nobremente os gestos de truão.

Correi de toda a parte, aligeirae o passo,  
Deixae a grande lida e vinde á rua vêr  
As prendas d'uma fera, as galas d'um palhaço,  
E um archanjo que sua e pede de beber!

A tua imagem tens ó povo legendario  
No comico festim que mal podes pagar,  
Pois tu ainda és no mundo o velho dromedario  
Que a vara do histrião nas praças faz dansar.





IV

GRAÇA POSTHUMA

Depois da tua morte eu heide ver se arranco,  
N'uma noite serena, ao teu berço final,  
Um producto mimoso; — um grande lyrio branco  
Da alvura do teu collo eburneo e divinal!

Aquella flôr suave, ó minha visão estherica,  
Debruçada gentil, na taça em que a puzer,  
Fazer-me-ha lembrar a graça cadaverica  
Do teu corpo franzino e ethereo de mulher!

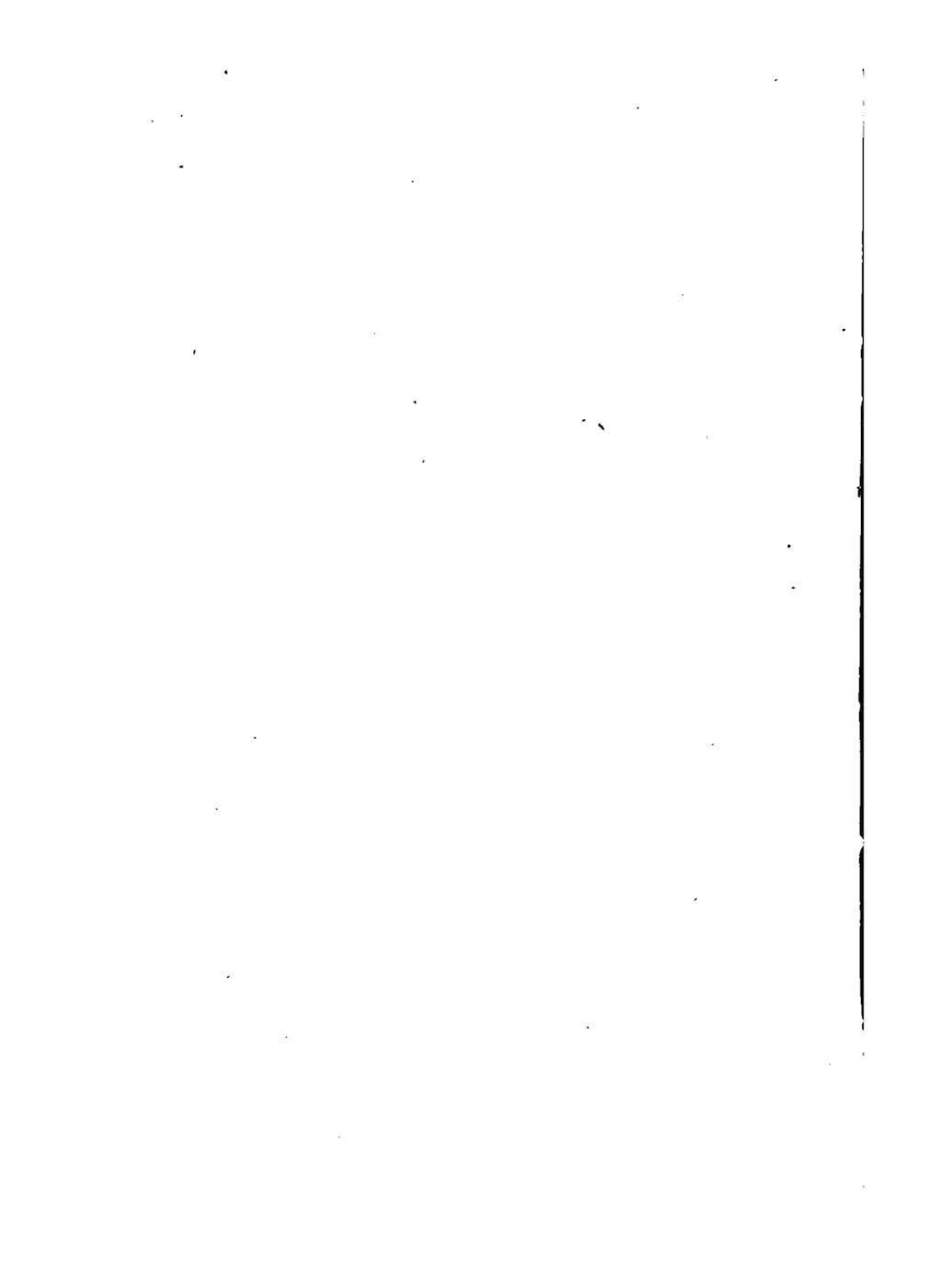
E mesmo conterà, de certo, alguma cousa  
Do que me traz submisso e prezo ao teu olhar:  
— Teu corpo a pouco e pouco irá fugindo á louza  
Depois tornado em lyrio á terra hade voltar! —

E em longas noites, n'elle, eu beberei sosinho,  
Sonhando as convulsões d'uns lindos braços nús,  
A fragrancia que exhala a candidez do linho  
Em que hoje ondeias leve e onde os meus labios puz,

— Saudando a boa mãe que faz com que eu te gose  
Depois do verme vil teu seio polluir,  
Mais pura no frescor de tal metamorphose  
Do que eras a scismar, do que eras a sorrir!

Ó minha doce Ophelia! Os rapidos momentos  
Da vida, são crueis mas passam como um som!  
Um dia quando em fim dos velhos sedimentos  
Teu corpo renascer n'um lyrio immenso e bom,

Talvez que eu durma já tambem sob os matizes  
Das flôres, ao sorrir das mil germinações,  
Dando um pasto fecundo ás tuas sâas raizes  
Depois de te sagrar as ultimas canções!





## HISTORIA SIMPLES

Havia um rapaz são, robusto, bom, valente,  
De espadua larga e rija; um ceifador gentil.  
Cavava todo o dia, andou sempre contente  
E a feria dava á mãe sem falta d'um ceitil.

Elle amava a campina e os ceus largos, serenos.  
Aos domingos a mãe deixava-lhe uns dez reis.  
Deitava-se ao luar, dormindo sobre os fênos,  
Na fragancia do trêvo, ao pé dos cães fieis.

A mãe tinha de seu duas vaquitas mansas:  
N'um cerro agreste e vil alguns palmos de chão.  
E tinha ainda mais não sei quantas creanças  
Que andavam nuas sempre e sempre a pedir pão.

O pae mal se sustinha ás vezes sobre as pernas:  
Era bebado e mau, batia na mulher;  
E á noite, ao scintillar dos vinhos nas tavernas,  
Cantava canções vis de a gente ensurdecer.

Um dia uma senhora honesta da cidade,  
Esplendida, gentil, sabendo-se sorrir,  
Reparou no rapaz; achou-lhe propria a idade  
E fez-lhe um certo gesto: — o moço não quiz ir.

Teve um assomo de raiva, então, sua excellencia.  
Ordenou-lhe que fosse: o moço disse, — irei!  
Despediu-se dos seus: devia obediencia  
Á senhora gentil que se chamava... a Lei!

Pegou no velho alforge e no bordão nodozo  
E mettu-se a caminho. Os pobres dos irmãos  
Choravam á partida : — um quadro doloroso!  
A mãe louca de dôr torcia as magras mãos!

Chegando no outro dia ao ponto onde o chamaram  
Primeiro foi medido e todos a final,  
Depois de bem revisto, á uma, concordaram  
Que ao serviço do rei convinha este animal!

Aquell'outra senhora, astuta, grave, terna,  
— A ordem — jubilava em doces pulsações!  
Contava mais um servo, um filho, na cazerna,  
Gastando pouco mais : — uns cobres e uns feijões!...

Agora quando passa o batalhão luzente  
Na rua, podeis ver o pobre cavador  
Com modos imbecis, marchar pesadamente  
— Heroe por conta alheia — ao rufo do tambor!

Não sabe onde caminha entre as guerreiras hostes!  
Perguntem-lhe o que é patria e liberdade e lei!  
Caminha simplesmente ás ordens dos prebostes  
Que trazem no chicote a salvação do rei.

E na pobre cabana ainda se conserva  
O mesmo quadro triste: — a lacrimosa mãe;  
Alguns pequenos nús rolando sobre a herva,  
E um ebrio que pragueja e não pensa em ninguem! —

Mulher não chores mais: a quadra é pura e bella:  
Emquanto na campina alouram os trigaes,  
Teu filho guarda o mundo e a Deus faz sentinella:  
Receiam que Deus faça andar o mundo mais.

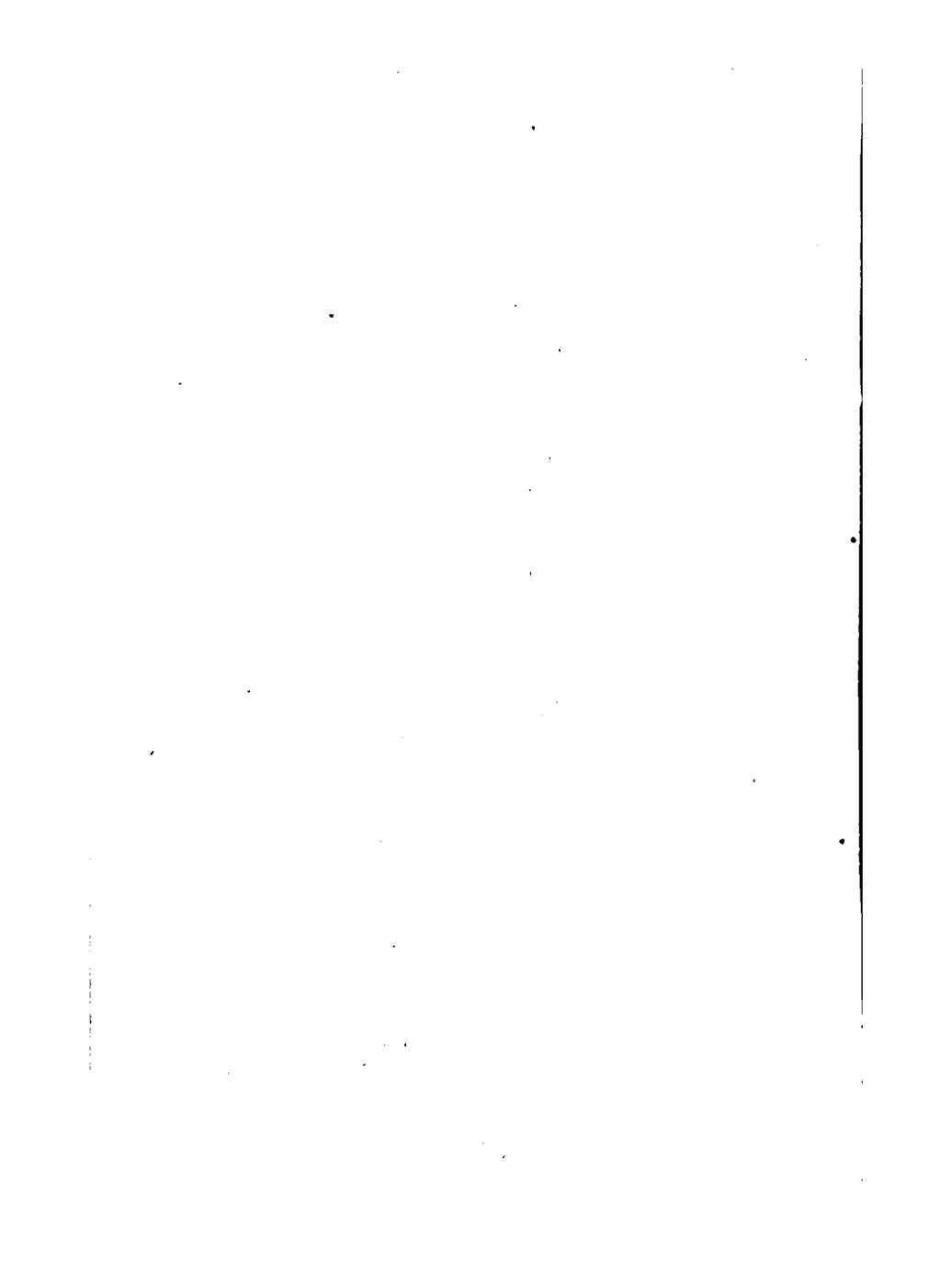
Em breve elle virá de jubilo e d'assombro  
Encher tua alma, em fim, quando amanhã voltar  
Com seu velho canudo, a trouxa posta ao hombro,  
Trazendo novamente a luz ao pobre lar.

**E tu perguntarás: o que é meu filho, é ouro!!**

**A quantas guerras foste? ó ceus, como tu vens!**

**— Mãe tome essa lata! esconda o meu thesouro**

**E deixe-me ir dormir no fêno ao pé dos cães!**





VI

Á meza do festim, cercada de formosas,  
O canto dos cristaes e o scintillar dos vinhos  
Saudavam juntamente os bellos desalinhos  
Das galantes vizões das ceias luminosas!

Molhavam-se em champagne as pétalas das rozas!  
E em baixo, a nossos pés, em leves murmurinhos  
A gaze sobreposta á candidez dos linhos  
Erguia-se n'um mar de vagas caprichosas!

Ali tudo era paz! Nem odios vis nem zelos!  
Os labios pois limpando ás rendas e aos cabellos  
Da menos trivial das fadas tentadoras,

Eu brindo aos mortos! — disse: á legião sagrada  
Que foi á solidão, á eternidade, ao nada!  
— Ás almas e ao pudor d'estas gentis senhoras.



VII

OS SONHOS MORTOS

Embora triste a noite, a vagabunda lua  
Mais branca do que nunca erguia-se nos ceus,  
Igual a uma donzella ingenua e toda nua  
No leito ajoelhada erguendo a fronte a Deus!

O mar tinha talvez scintillações funestas.  
A praia estava fria, as vagas davam ais;  
Semelhavam, ao longe, as extensas florestas  
Fantasmas ao galope em monstros colossaes.

E eu vi n'um campo immenso, agreste e desolado,  
Immerso no fulgor diaphano da luz,  
Juncando tristemente o solo ensanguentado  
Sinistra multidão de corpos semi-nus!

Tinha a morte cruel, em sua orgia louca,  
Deposto em cada fronte um osculo brutal;  
E um ironico rizo ainda em muita boca  
Se abria, como a flôr fantastica do mal!

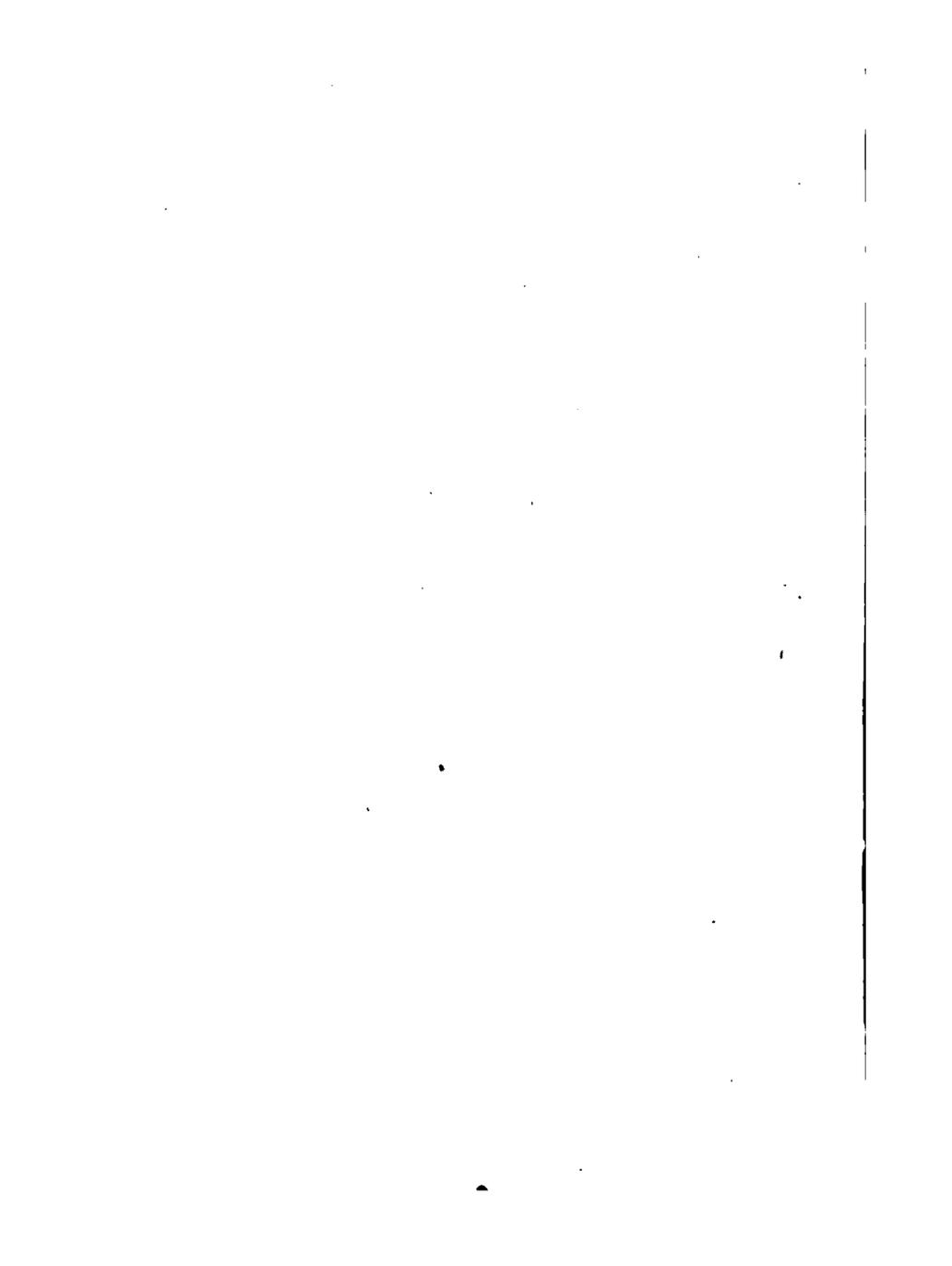
E eu vi corpos gentis de virgens delicadas  
Beijando a fria terra, as mãos hirtas no ar,  
Em sagrada nudez!... Cabeças decepadas!...  
Em muito peito ainda o sangue a borbulhar!...

E sobre a corrupção das brancas epidermes  
Luzentes de luar e d'esplendor dos ceus,  
Orgulhosos passando os triumphantes vermes,  
Da santa formosura os ultimos Romeus!

Se tu, minha alma livre ainda hoje conservas  
Memoria das vizões que amaste com fervor  
Ahi as tens agora alimentando as ervas  
De novo dando á terra o que ella deu á flôr!

São ellas! as vizões dos meus dias felizes,  
Meus sonhos virginaes, as minhas illusões,  
Que a seiva dão agora aos vermes e ás raizes,  
Que em pasto dão seu corpo a novos corações!

São as sombras que amei, divinas, castas, bellas;  
As chymeras gentis, os vagos ideaes,  
Que de rozas c'ngi, que illuminei d'estrellas,  
E que não podem já da terra erguer-se mais!





VIII

FALA A ORDEM

Pequeno, d'onde vens cantando a MARSELHESA;  
Da barricada infame, ou d'outra vil torpeza?

Que esplendido porvir! Do nada apenas sahes  
Começas a morder as purpuras reaes  
Ó filho trivial da livida canalha!...  
E, vamos, deixa ver, guardaste uma navalha,?!  
Não tremas que eu bem vi! que trazes tu na mão?  
Intentas já limar as grades da prisão,

Fazendo scintillar um ferro contra o solio  
Archanjo que adejaes nos fumos do petroleo?!...  
Mas, vamos abre a mão: não queiras que eu te dê.

Bandido eu bem dizia! — a carta do A B C!...



IX

Ó lírios da cidade, ó corações doentes  
Das vagas affecções modernas e galantes;  
Eu sei que vós morreis aos sons agonisantes  
Das orquestras febris, — nos sonhos dissolventes!

Sois os fructos gentis que balançaes pendentes  
Nas arvores da vida; e os pobres viajantes  
Famintos d'ideal, sorriem triumphantes  
Julgando-vos colher nas seivas innocentes!

E tragam com fervor o pomo apetecido  
Que deve ter um mel oculto no tecido,  
— Um raio bom do sol que nos sorri tão alto;

Mas vós que sois da moda um luminoso aborto,  
Como os fructos crueis das margens do mar morto  
Apenas conteis dentro uma porção d'asfalto!



X

## MISERIA SANTA

Entrando esta manhã n'um templo da cidade  
Aberto á multidão mas triste e quasi só,  
O ver ao desamparo a velha magestade  
N'um throno a desabar, meteu-me certo dó.

Restavam tão somente alguns dourados velhos  
Do passado esplendor, e foi-me facil ver  
Que uma nuvem de pó cobria os evangelhos  
Como cousa esquecida e impropria de se ler!

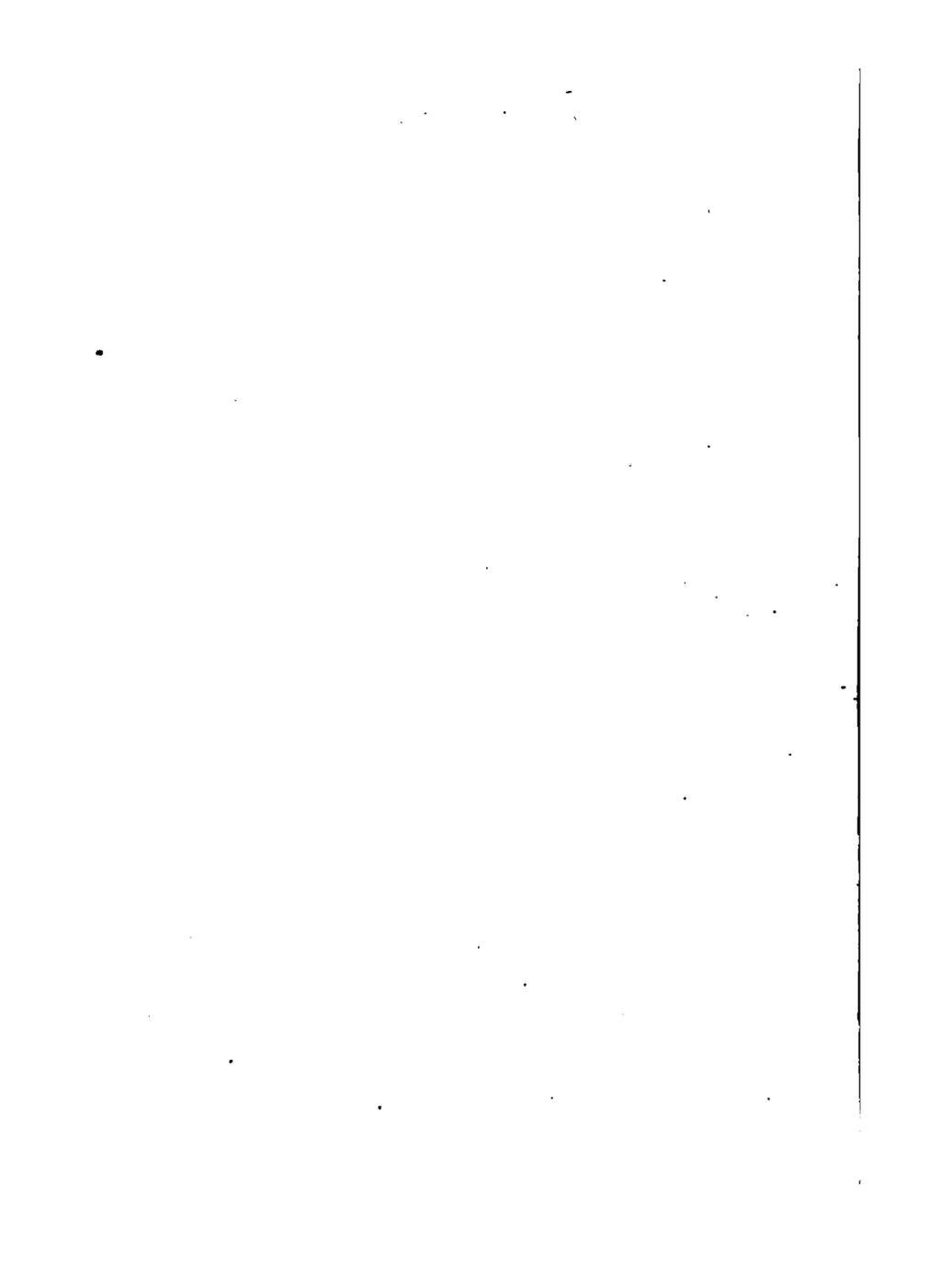
A virgem, sobretudo; a mãe predestinada  
Que o Golgotha lavou nas lagrimas de fel  
Que sempre hade chorar toda a mulher amada,  
Ou seja a mãe de Christo, ou seja a de Rossel;

Achei-a desolada e triste lá n'um canto,  
Sem pompas e sem luz, coberta d'ouropes  
Tão velhos como o roto e desbotado manto  
Que ha muito, já, deveu á crença dos fieis!

Dizer-me pôde alguém d' affectos bons e puros  
Que eu posso ainda encontrar as bellas cathedraes  
Aonde o simples Christo e os martyres obscuros  
Campeiam no fulgor de pompas theatraos.

Bem sei; mas como disse, o acaso ou o quer que fosse  
Levou-me a um templo pobre e foi n'elle que vi  
Que ha mendigos do céo, d'olhar sereno e doce,  
Proletarios do altar a quem ninguem sorri!

E ao ver esta humildade,—eu tenho d'isto ás vezes,—  
Pensei, não sei porque, nas morbidas vizões  
Que não passam de ser as filhas dos burguezes  
Mas de rendas de França enfeitam seus roupões!





## ASTRO DA RUA

Fazia hontem já tarde um nevoeiro espesso.  
— Que insonia em mim produz este humido vapor!—  
Eu vinha enfastiado, ou turvo, emfim confesso,  
Dos fumos do café, da luz e do rumor.

Um fantastico véo cobria as longas praças;  
E o gaz ria atravez da grande cerração  
Que em lagrimas descia ao longo das vidraças  
E em focos d'alva neve humedecia o chão.

Eu mesmo achava em tudo um tom maravilhoso.  
Dispuz-me a crer no ceu a amar este ideal:  
De subito eis que passa um astro radioso  
Luzindo-me atravez do magico cendal!

Que vaga exhalação ó cousas vis que adoro!  
Que bello olhar de Deus, deixae-me assim dizer!  
Pelo sulco de luz julguei um meteóro,  
Pelo aroma subtil sonhei uma mulher!

Passou porém, fugiu: no fim eis em resumo  
A sua breve historia! o sonho é sempre assim!  
Ha cousas que ao passar ainda deixam fumo:  
Aquella só deixava um vacuo dentro em mim.

Archanjos caminhae, que eu espero o grande dia  
Da nossa atroz vingança, ó despotas do ceu!  
Nossa alma anda algemada á vossa tirannia  
Mas hade erguer-se a escrava... — Assim dizia eu

E a mesma aparição de novo a deslumbrar-me!  
De novo a mesma aurora o espaço a illuminar!  
Agora pude vê-la e posso recordar-me  
Dos abysmos de luz que havia em seu olhar.

O astro vinha envolto em nuvens d'escumilha:  
De resto era uma fada, eu mais não sei dizer.  
Deixava atraz de si um aroma de baunilha  
D'um louco se abysmar, d'um pobre enlouquecer!

Quem quer que sejas tu, que sejam sempre bellos  
Teus ceus sem vendaval, teus dias sem revez!  
Feliz de quem poder beijar os teus cabellos  
E aos labios aquentar os teus pequenos pés!

— Dizendo caminhei. Porém novo prodigio!  
Ainda a perseguir-me a mesma aparição  
E eu ainda sentia o lucido vestigio  
Que ha pouco em mim deixára a outra exalação!

Mas agora reparo, attento em sua chama!  
Que olhar tão insolente, o ceu não luz assim!  
Na gaze que ella arrasta ha um debrum de lama,  
• Na face macerada uns traços de carmim!

Oh! astro! emfim conheço a orbita que traça  
O teu curso veloz! bem sei onde tu vaes!  
Prosegue no teu giro em volta d'essa praça  
E Deus te dê mais luz e menos lamaças.



XII

Quando Martha morrer, depois do extremo arranco,  
    Não tratem d'orações;  
Desprendam-lhe o cabelo e vistam-a de branco  
    Á moda das visões.

Desejo vel-a então passar d'esta maneira  
    Depois de tal revêz,  
Por entre a chama azul e tenue da poncheira  
    No fumo dos cafés.

Áquelle bom paiz das pallidas chymeras,  
Monotonia azul;  
Não temam que ella vá no fogo das espheras  
Queimar o véu de tulle.

Assusta-a muito o frio, a chuva, o sol dos tropicos  
A nuvem triste e vã,  
E pôdem-lhe prender os pés tão microscopicos  
As nevoas da manhã!

De noite ella virá com seus trajés singellos,  
Archanjo d'outros ceus,  
Nos suspiros febris dos meigos violoncellos  
Dizer-nos mal de Deus.

Contar-nos por que foge á doce transparencia  
Que o ceu formoso tem,  
Meiga filha gentil da mesma decadencia  
Que é nossa boa mãe.

Se as lagrimas de luz que chora o firmamento  
Em noites de luar,  
Ao seu pescoço nú podessem, n'um momento,  
Cingir-se n'um collar;

De certo ella daria ao pallido comêta  
E á estrella trivial,  
A mesma adoração que dava á cançoneta  
Que amou até final!

E á saída do circo, ao astro romanesco,  
Á noite iria, então,  
Contar, ainda a sorrir, o ardor funambulesco  
Do livido truão!

Assim, não quer ouvir aos córos invisíveis  
Um hymno d'enfadar,  
Cantado por milhões d'archanjos insensíveis  
Sem um que a possa amar!

E não lhe esquecem nunca os rapidos instantes

Do que ella amava mais :

— A vida illuminada á luz dos restaurantes

N'um sonho de cristaes !



XIII

AS VICTIMAS

Eu vejo muita vez e raro já me assombro  
— Minha alma tanto afiz ás tristes commoções! —  
Na rua, junto a mim, passar hombro com hombro  
No transitio penozo as longas procissões,

De victimas da sorte e victimas do mundo!  
Umas boas, gentis, outras feias, crueis,  
Envoltas n'um sudario ou n'um burel immundo;  
Nas pompas theatraes, nas galas dos bordeis,

Não são filhas do sonho ou creações chymericas  
Da mente allucinada, ou vagos ideaes;  
São magros peitos nús, são faces cadavericas,  
São as tristes, as vis desolações carnaes.

São pequenos sem pão que vão pedindo esmola  
Nas lamas encharcando os regelados pés:  
Que dormem nos portaes, que nunca vão á escóla  
— Flôres que enfeitarão a noite das galés!

São aquellas gentis e pobres costureiras  
De peito comprimido; anemica expressão;  
Que passam a tossir, cansadas, com olheiras,  
Ganhando em todo o dia apenas um tostão,

Curvadas a cozer o languido velludo,  
O irritante setim dos grandes enxovaes,  
Das princezas do Banco, herdeiras d'isto tudo;  
Depois indo morrer nos tristes hospitaes!

São os pobres heroes que os seus irmãos combatem;  
Que morrem sob o pezo enorme dos canhões,  
E o cortejo de mães pedindo aos reis que as matem  
E os reis fazendo rir das suas maldições!

São da lugubre noite umas flôres sem nome  
Batidas muito já dos grandes vendavaes,  
Que, por que sentem frio ou por que sentem fome,  
Derramam pelo seio aromas triviaes

E fingem depois ser aparições divinas,  
Erguendo um pouco a saja, a fimbria sensual,  
Abrindo um vil leilão de beijos, nas esquinas,  
Aos appetites vís da multidão brutal!

São mineiros sem luz; são velhos britadores,  
Que o contacto da pedra um dia endureceu,  
Queimados pelo sol, gelados nos horrores.  
Do tumulto cruel que em vida os recebeu!

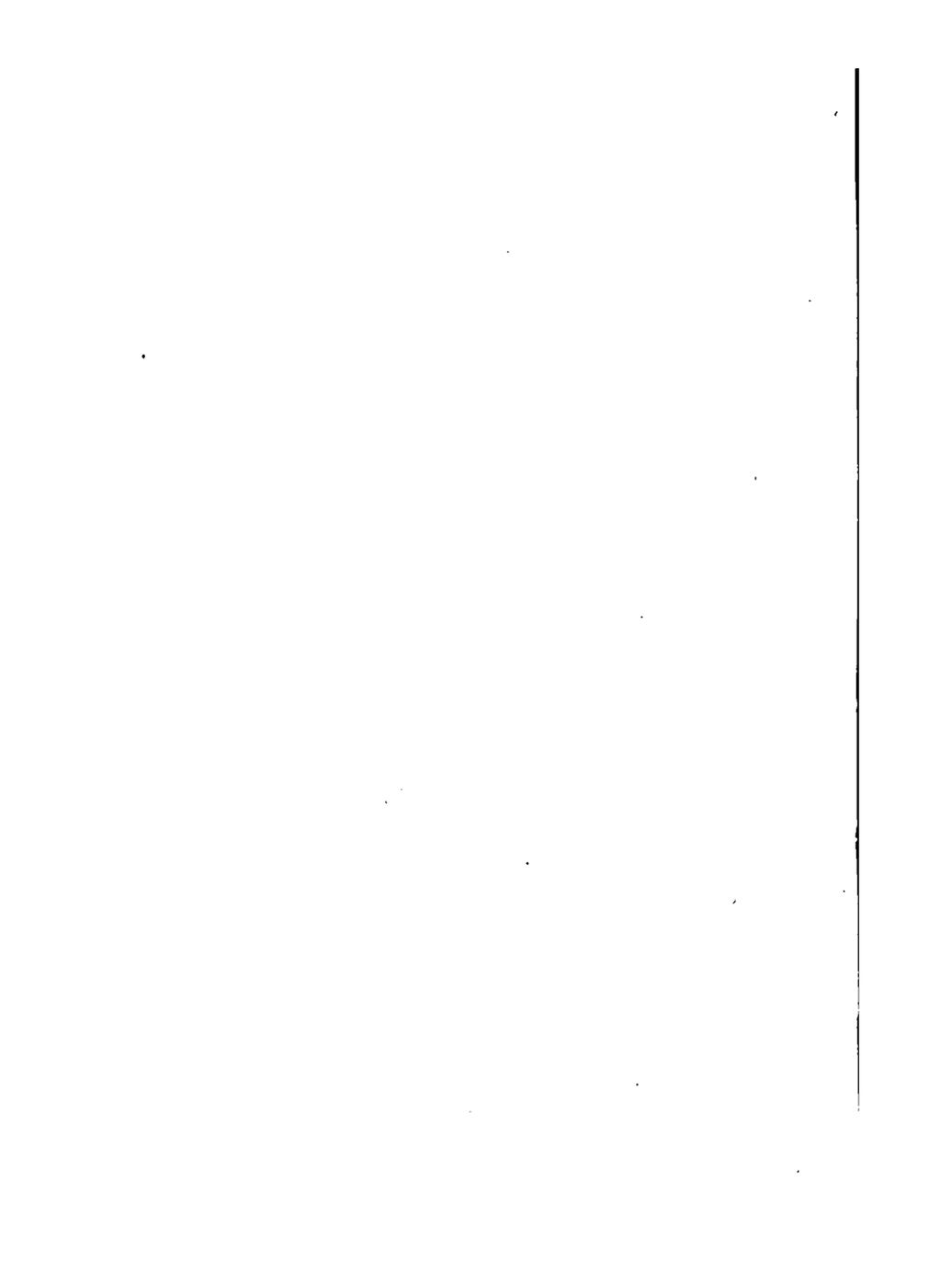
São aquelles heroes, em fim, dos grandes sonhos,  
Que sentiram na terra as vastas corrupções  
E ás turbas apontando uns mundos mais risonhos  
Tentaram espedaçar os ultimos grilhões

E que passam tambem um tanto contristados,  
Talvez cheios de tedio, ao verem que hoje, nós,  
Os deixamos seguir ainda apedrejados  
Não raro desprezando a sua augusta voz!

E a grande multidão de martyres sublimes,  
De tristes semi-nús, constante a caminhar,  
Aos ceus erguendo as mãos, queixando-se dos crimes  
Dos despotas que aos pés não cessam de os calcar!

A fila tenebroza, a procissão de victimas,  
Augmenta mais e mais; não deixa de crescer!  
E do estygma cruel das penas mais legitimas  
Em muita frente bella um traço podeis ver!

Caminhe muito embora: a sorte é sempre varia  
E a turba soffredora, ó grandes bem sabeis,  
Podia dividir a tunica cezarea  
Lançando aos que estão nós a purpura dos reis!





XIV

EVOCAÇÃO

Levanta-te Romeu do tumulto em que dormes  
E vem sorrir de novo á boa, á eterna luz!  
De noite, ouço dizer que ha sombras desconformes  
E as noites do passado, oh, devem ser enormes  
Na atonia fatal das larvas e da cruz!

Conchega gentilmente ao peito carcomido  
Os restos do teu manto: — assim, que bem que estás!

Na terra hão de julgar-te um grande Aborrecido  
Que busca desdenhoso o centro do ruido  
Nas horas vis do tedio e das insonias más.

O mundo transformou-se; aquelle fundo abysmo  
Do antigo amor fatal, fechou-se d'uma vez,  
E tu filho gentil do velho romantismo,  
Tu vens achar dormindo o rude prozaismo  
No berço onde sonhava a doce candidez!

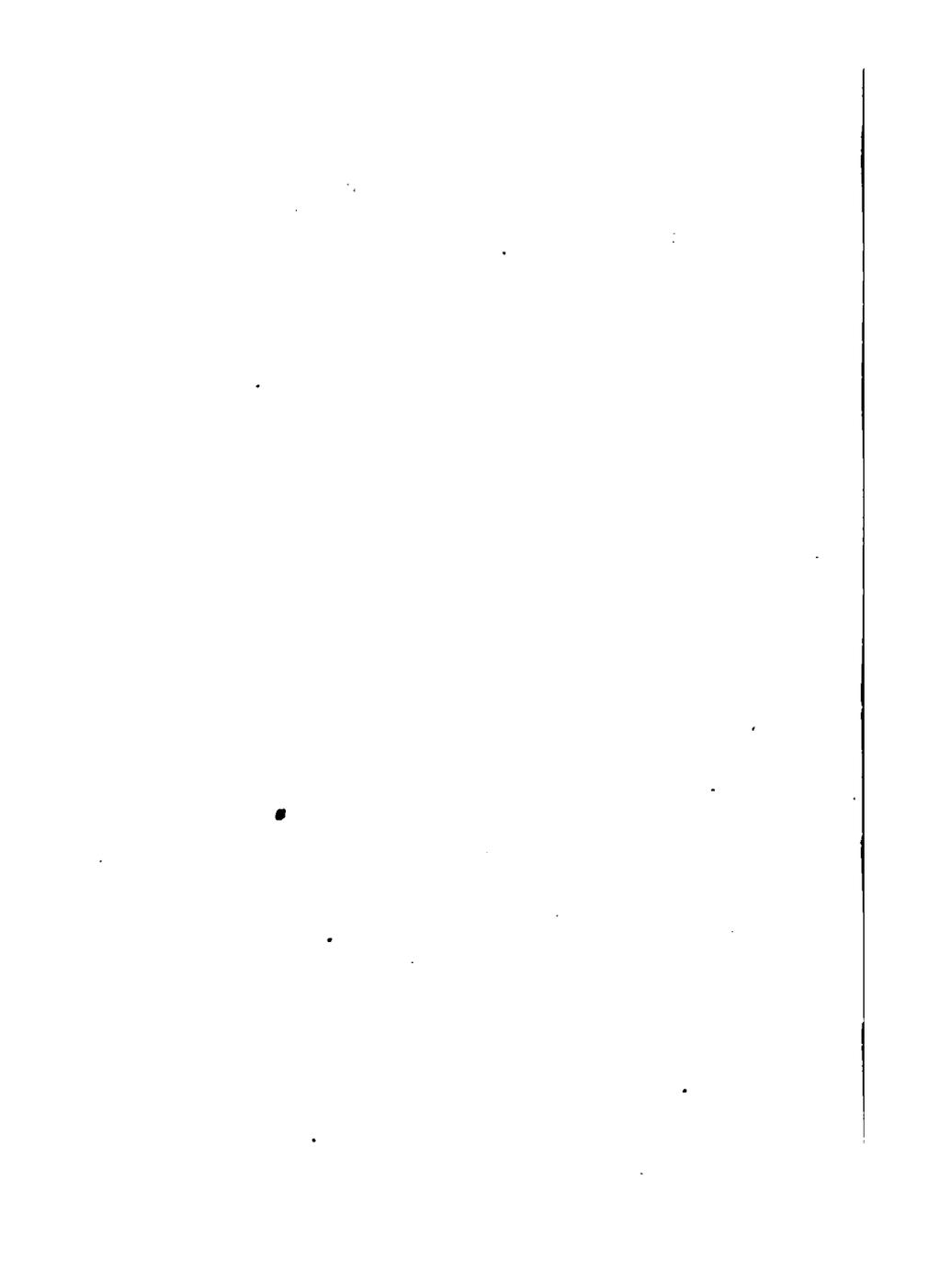
No entanto podes crer; faz muito menos frio  
Á luz do novo sol; do gaz provocador;  
E o seculo apezar de gasto e doentio,  
Não pode já escutar o cantico sombrio  
Que fala de edeaes e cousas sem valor!

Em paz deixa dormir a terna Julieta  
Que aos ceos ainda por ti levanta as brancas mãos;  
E em quanto por mim corre a tetrica ampulheta,

Da muza alegre e vil da torpe cançoneta  
Saudemos a nudez a par dos bons pagãos!

Nas praças, tu bem vês; a turba prazenteira  
Innunda-se na luz de mil constellações!  
E os archanjos da rua assomam na poeira  
Que exhala o macadam, trazendo em cada olheira  
O astro creador das grandes sensações!

E quando a cotovia á estrella matutina  
Mandar a saudação, lá fora, em pleno céo,  
Romeu tu beijarás, que é tua eterna sina,  
A trança da belleza anemica e franzina  
Que entre os fumos da festa, a amar, adormeceu!





XV

Boas noites coveiro: a tua enxada  
Não cessa ha tanto tempo de cavar?!  
Cavalleiro da morte, ó fronte desolada  
Não sentes a mão tremula e cançada  
De tanto trabalhar!

Tu esperas hoje as legiões sombrias  
De mortos, que eu supponho ao longe ver?

Os felizes caídos nas orgias  
E os tristes que além todos os dias  
O gelo vem colher?!

Que immensa valla aberta! são medonhos  
Os risos d'essa boca infame, alvar!...  
Descansa dos teus dias enfadonhos!  
— Eu cavo a sepultura dos teus sonhos  
Não posso descansar!



XVI

FLOR DA MODA

Alice, o turbilhão das salas elegantes,  
Começa a entristecer; ninguém sabe por quê!  
Aquella flôr doente amava muito d'antes  
As festas, o ruído, as cousas deslumbrantes,  
Agora é desolada e penso que descrê.

Que tédio se abrigou na vaga transparência  
D'um todo tão subtil, aerio, divinal.

— Moderna criação da santa decadencia,  
Que alia gentilmente ás pompas da regencia  
Os indecisos tons d'um ar sentimental?!

Archanjo por quem és! desvenda esse mysterio  
Das vagas oppressões da tua insomnia má,  
E diz-me o teu sonhar visão do baixo imperio,  
Vestal que amas o gaz e tens o fogo ethereo  
Na conta d'uma cousa um tanto usada já!

No idylio pastoril das noites venturosas  
Não sonhas tu de certo, e raro o hão de sonhar  
N'um mundo todo nosso, as bellas desditosas  
Que em trinta annos de fogo as suas velhas rozas  
Nos grandes vendavaes sentiram desbotar!

E quando a augusta voz do mar ou das florestas  
ação dos justos e dos bons,  
tu não vaes, fugindo ás grandes festas,

No amor das castelãs scismar entre as giestas  
Com medo que te acorde a bulha dos wagons!

Eu sei talvez teu mal! A febre que hoje sentes  
Abraza a geração de lyrios ideaes  
Que passam, como tu, galantes e doentes,  
D'um amor desordenado ás cousas dissolventes,  
Ás vozes da guitarra e aos cantos sensuaes!...

E tem de os consumir a grande nostalgia  
D'um mundo mais á moda e menos trivial,  
Onde haja um grande caso, ao menos, cada dia  
E se possa esquecer a vil monotonia  
De tudo que nos cerca:— Alice eis o teu mal!

No entanto eu sei que és boa: apenas das insomnias  
A febre, mãe cruel d'estranhas sensações,  
Na fria placidez do gaz e das bigonias  
Construe na tua mente as grandes babylonias  
D'um mundo extraordinario e monstro de visões!

Tocou-te um mal galante: és tenue e caprichosa :  
És boa e fazes gala em que te julguem má.  
E sentes sobre tudo uns tedios côr de rosa  
E os extasis crueis d'uma mulher nervosa :  
—Se existe a mulher-flôr, tu és a flôr de chá!

E chame-te o bom Deus ao foco aonde brilha  
Aquella eterna luz, amor dos immortaes,  
Que tu amortalhada em rendas e escumilha  
Achar deves, talvez, da moda, ó terna filha,  
O céo modesto um pouco e os anjos triviaes!



## XII

Ó machinas febris! eu sinto a cada passo,  
Nos silvos que soltaes, aquelle canto immenso,  
Que a nova geração nos labios traz suspenso  
Como a estancia viril d'uma epopea d'aço!

Emquanto o velho mundo arfando de cansaço  
Prostrado cae na luta; em fumo negro e denso  
Levanta-se a espiral d'esse moderno incenso  
Que offusca os deuses vãos, anuviando o espaço!

Vós sois as criações fulgentes, fabulosas,  
Que, vibrantes, crueis, de lavas sequiosas,  
Mordeis o pedestal da velha Magestade!

E as grandes combustões que sempre vos consomem  
Começam, n'um cadinho, a refundir o homem  
Fazendo resurgir mais larga a Humanidade!



XVIII

## A CHRISTO

Precisamos Jesus, se não te sentes velho,  
Que cinjas novamente o resplendor de luz  
E venhas explicar a letra do evangelho  
A muitos que hoje vês prostrados ante a cruz!

Ainda não cessou, de todo, essa contenda  
Que um dia, ha muito já, tentaste debellar:  
E aquelles que são bons e adoram tua lenda  
Desejavam tambem ouvir-te hoje falar.

Apenas resoasse o teu verbo indignado,  
O latego febril das grandes corrupções,  
Iria atraz de ti um mundo revoltado  
Que sente na consciencia a luz das redempções.

E embora não houvesse, aqui, outra alma gemea  
Da tua, e tão unvida em balsamos dos céos,  
Havias d'encontrar essa alma de bohemia  
Que sonha uma justiça e sente em si um Deus!

Mas não, não voltes cá: teu corpo combalido  
Não póde supportar os gelos da manhã.  
Precisavas de pão, d'abrigo e de vestido  
E a vida aqui é cara e longo o macadam!

Terias d'encontrar, de certo, mil estorvos  
No mundo revolvido, e escuta-me Jesus:  
Se não fosses, em fim, comido pelos corvos  
te fuzilasse um cura Santa-Cruz!

Serias apontado a dêdo, muitas vezes,  
Como um simples bandido, um agitador feroz,  
E haviam de esconder seus ouros os burguezes  
Apenas resoasse, ao longe, a tua voz!

Depois vinhas achar a par do proletario,  
Ao pé do que se inntunda em bagas de suor,  
Aquelle velho Pedro, agora millionario,  
E triste por pensar que já esteve melhor!

E perto do ocio vil á sombra do qual medra  
O egoismo feroz que extingue o coração,  
Lutando todo o dia o britador de pedra  
A quem á noite espera, em casa, um negro pão;

•

E uns pequenos sem côr; talvez cheios de fome,  
Com pouca luz no olhar; atrophiados, nós;  
Abrindo os olhos muito á codea que elle come  
E indo-se deitar sem roupas e sem luz!

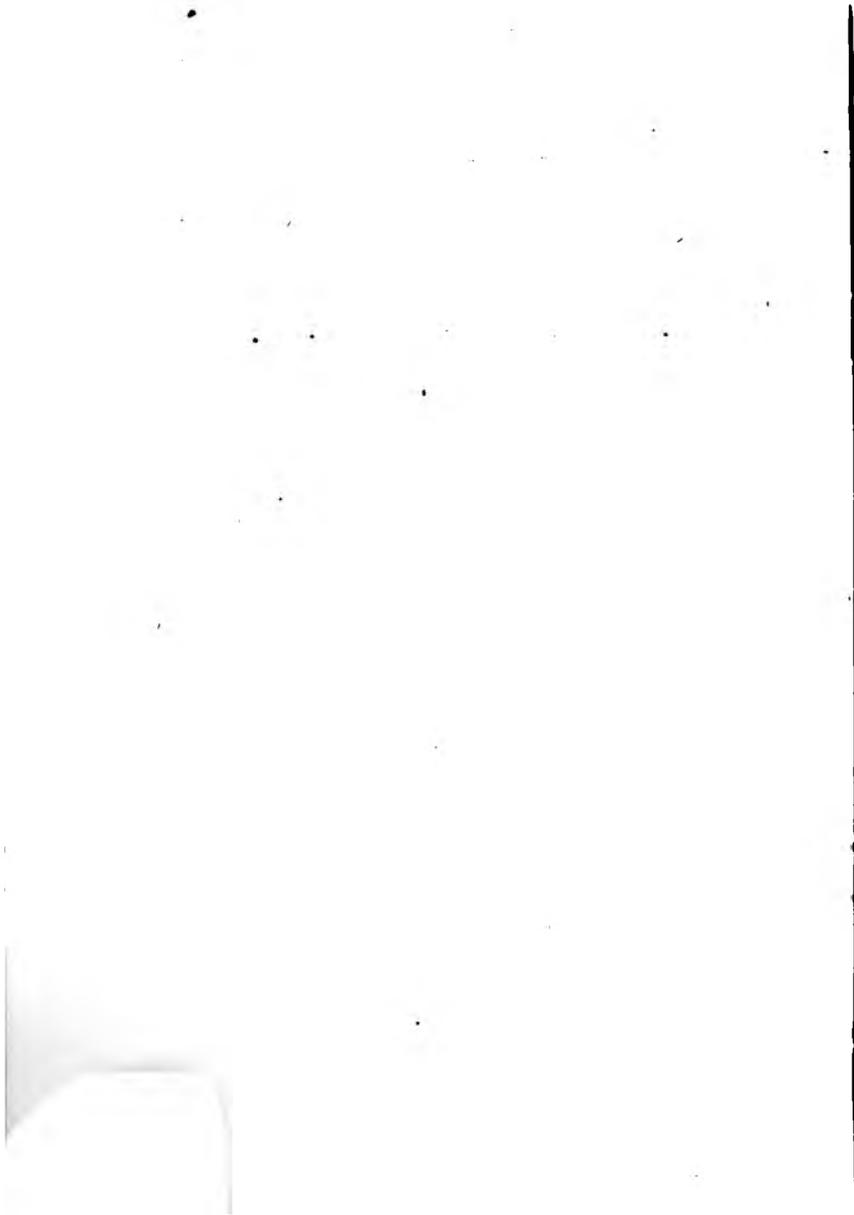
Assim deixa-te estar. O teu cadaver triste  
Recende uma fragancia etherea e divinal,  
Emquanto o mundo segue e vae de lança em riste  
Sem treguas combatendo as legiões do Mal!

Tu foste o paladino, o trovador sagrado,  
Que falaste do amor, da paz e do perdão,  
E o ferro que varou teu corpo lado a lado  
Comtudo inda reluz altivo em muita mão!

Nós, hoje, quando em luta erguemos sobre a liça  
O gladio vingador das oppressões crueis,  
Soltamos, n'um sorriso, o nome da Justiça,  
E ha quem saiba morrer sem bençãos nem laureis!

Descansa pois Jesus! Bem basta que tu sintas,  
N'esse velho sepulchro, o immenso vozear  
Dos mineiros sem luz, das legiões famintas,  
Que nunca, um dia só, deixaram de lutar,

Mas que hão de em fim vencer, por que a suprema essencia  
A jorros cae do céo nas mãos dos Prometheus,  
E tanto vae subindo a vaga da consciencia  
Que um dia ha de abismar-se em nós o proprio Deus!





## XIX

Eu tive um sonho estranho: ouvi que vou dizel-o.  
Era em praia dezerta, em frente a um longo mar:  
Nos céos havia a nevoa, a mãe do Pezadêlo,  
E o vago, o incerto, o informe em tudo a oscillar!

De subito surgiu, na praia, uma criança  
D'olhar profundo e bom, d'angelica expressão,  
E o mar contemplou com tanta confiança  
Que nem que visse n'elle o berço d'um irmão!

Mas a vaga subindo, em cada extremo arranco  
Levando ia consigo aquella flôr dos céos!  
E em breve só boiava um tenue vulto branco  
No mar onde fluctua o espirito de Deus!

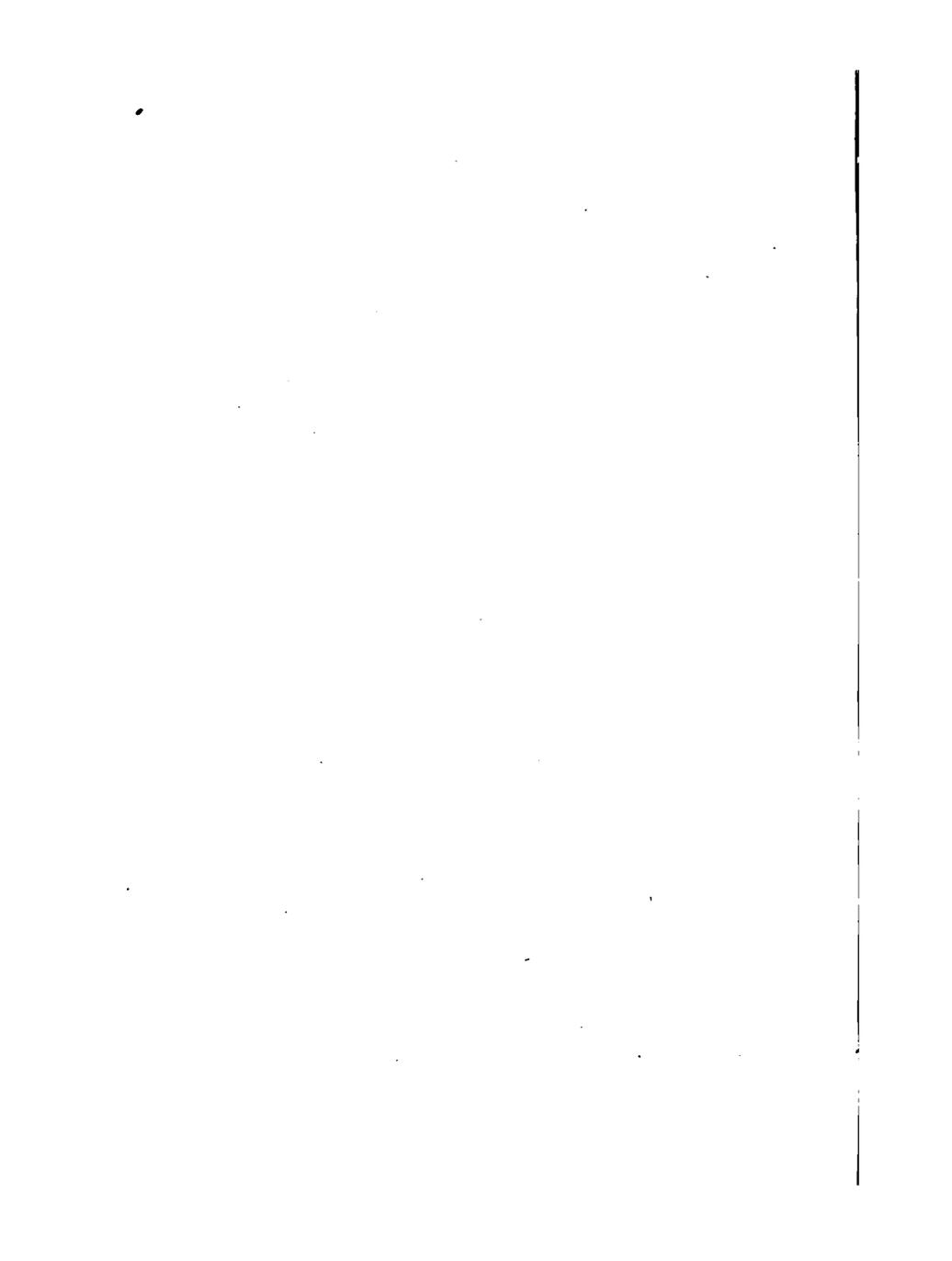
Mais tarde á beira-mar chegava a pura imagem  
Da mais casta mulher que em vida pude ver.  
Detinha-se distante: — a espuma da voragem  
Só meia extenuada aos pés lhe ia morrer! —

O immenso mar, porém, crescia a cada instante  
Mais turvo e mais veloz! depois... Não quiz vêr mais.  
Ergui-me e caminhei de val em val errante  
Pensando tristemente em coisas ideaes! —

Ao longe, muito além, na serra desviada  
De subito encontrei — ó estranha apparição —!  
Uma pobre velhita enferma e desolada  
Trazendo já no olhar a grande cerração!

Que idéa me assaltou não sei dizel-o agora.  
Aonde iria o espectro, aquella sombra vãa?  
Iria aonde vae o que hontem foi aurora  
E aonde irão tambem as rosas d'ámanhã?...

Dos meus instantes bons, ó lucida chimera,  
Bem vês que os sonhos maus são faceis d'esquecer!  
Que importa a grande noite em plena primavera,  
Que importa o que tu foste, o que és, e o que has de ser!!





XX

## O GRANDE TEMPLO

Eu não trajo o burel do magro cenobita  
Nem me posso infligir crueis macerações ;  
Mas não rio d'algue[m] que busca a paz bemdita  
No seio casto e bom das grandes solidões.

Bem sei que ha na montanha aromas penetrantes  
E certas vibrações que podem fazer mal ;  
Mas se é preciso Deus, direi que é melhor antes  
Amal-o com fervor no templo universal!

Em quanto sobre o altar das serras azuladas  
Mil lampadas do céu derramam toda a luz,  
Nas velhas cathedraes, já meio arruinadas,  
O Tempo, — o grande verme! — até devora a cruz!

Depois é facil vêr, por entre os arabescos  
Que a arte sensual traçou com tanto amor,  
Às vezes, o sorrir dos Satyros grotescos  
Pungindo cruelmente a face do Senhor.

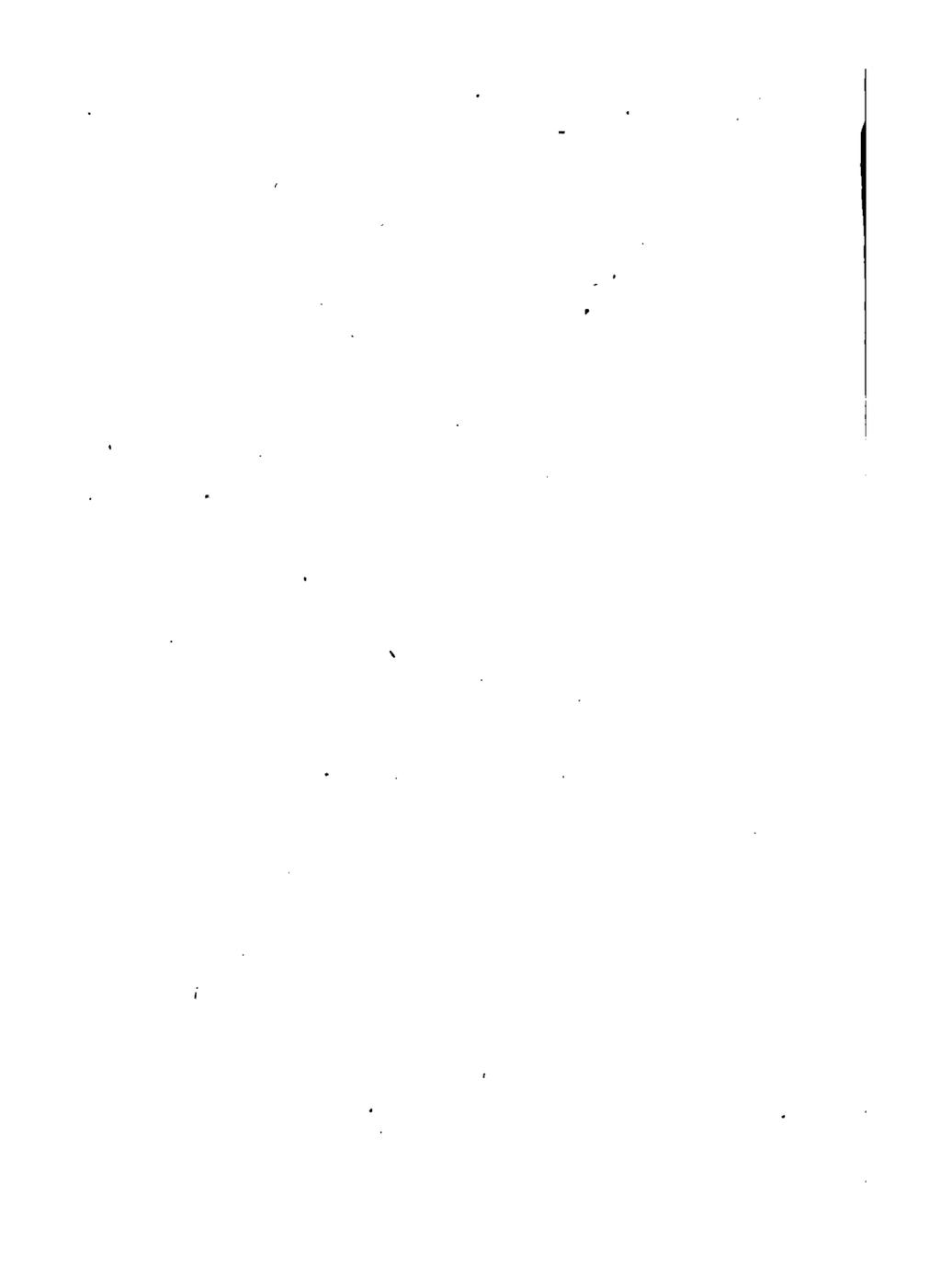
Ou mais; podemos nós voar todos captivos  
Do sereno ideal, d'aquelle summo bem,  
Ao vermos tanta vez os Faunos mais lascivos  
Olhando de revez a virgem nossa mãe?!

E ainda mil traições: as musicas, as fôres  
Os lindos seraphins voando todos nós;  
Da sêda que se arrasta os languidos rumores  
Do incenso as espiraes; os turbilhões de luz!

Oh! visto haver de tudo; aromas e decotes,  
O vinho scintillante, a viva luz do gaz;  
Que a vossa rouca voz, pomposos sacerdotes,  
Não cante apenas Deus; que solte alguns *hurrahs!*

O fumo d'essa festa, a mim, pouco me assusta.  
Se eu quero alguma vez fugir do pó, voar,  
Eu tenho o val profundo ou a floresta augusta,  
As montanhas, os céos, e o bello, o vasto mar!

Da casta natureza ó templo gigantesco,  
Tu és mais amplo, sim; mais livre, muito mais!  
O meigo e doce olhar do Christo romanesco  
A multidão gentil não chama aos teus umbraes.





## A UM CERTO HOMEM

Agora és todo nosso: a rude voz da historia  
Já póde hoje falar  
E dar-te um balancete ás nodoas e á gloria  
Rei-sol de *boulevard*.

Que dias d'esplendor! Porém como começa  
A noite e a podridão!  
Foi Deus que te mandou tambem para a Lambessa  
Da eterna punição!

Eufarda a tua gloria e leva-a que é vergonha  
Que vejam amanhã,  
Que até lhe depennou as aguias de Bolonha  
O abutre de Sedan!

E visto que em redor nenhuma estrella brilha  
E a noite é longa e má,  
No caminho do opprobrio acende a cigarrilha  
E, cezar, ouve lá:

Que altiva e bella a França! aquella Gallia ardente  
Que de Valmy levou,  
Descalça, quasi nua; a Marselheza em frente;  
Nossa alma até Moscow!

Seus filhos teem a fouce: envergam rudes clamydés  
Depois, caminham sós;  
E em quanto ceifam reis acordam nas Pyramides  
A alma dos Pharaós!

E vão cheios de fé, bandeira solta ao vento,  
Na gleba das nações,  
Convictos semeando o novo pensamento  
No sulco dos canhões!

Mas tu chegas um dia: afogas-lhe a grandeza  
E quando a tens aos pés,  
Celebras a victoria aos hymnos de Thereza,  
A musa dos cafés!

Banquetes dás ao crime; e os teus heroes d'esquina  
Ainda a afrontam mais,  
Tornando a *Marselheza* em torpe Messalina  
D'um circo de chacaes!

E sobre alguns montões de mortos ainda quentes,  
Emfim campeias, tu,  
Que déste á sagração das cousas dissolventes  
Um Petroneo-Sardou!

Porém, quando ao colher ainda um beijo á Fama  
Um dia avanças mais,  
Teu carro triumphal trambolha-te na lama  
E então como tu saes!..

Revolves-te no horror das vis, infectas ondas  
De lodo e podridão,  
E vaes de manto roto e vestes hediondas  
Buscar a escuridão!

Em vez de reclinar a fronte ao sol ardente  
Da luta que sorri,  
Do fumo dos canhões fugiste, e de repente...  
Matou-te um histori!..

Que entrada a tua, então, na funebre morada,  
Pizando, incerto, o pó,  
Á luz d'uma *lanterna*, ao vir da encruzilhada,  
Sinistro, sujo e só!

Das cinzas levantou-se um brado entre os jazigos

Dos bons e dos leaes,

Apenas descobriste a marca dos *castigos*

Nas faces triviaes!

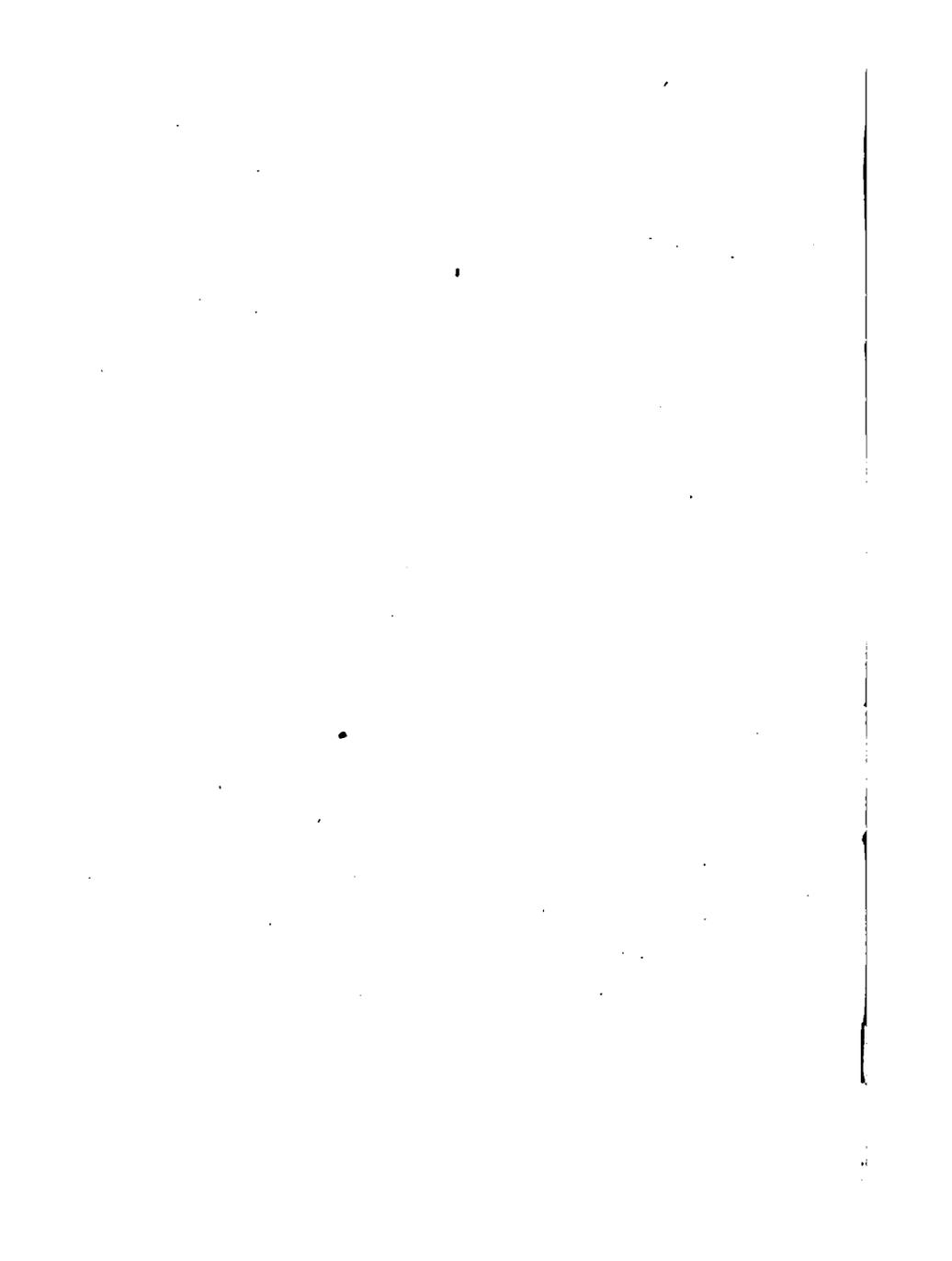
E quando te assustava o olhar altivo d'Hoche

E o gesto de Danton,

Sorria-te na sombra o amor da Rigolboche

Meu cezar-Benoiton!

73 — Janeiro.





XXII

## À HORA DO SILENCIO

Eu quiz hontem sonhar, sentir como um romantico  
A doce embriaguez do pallido luar,  
Ouvindo em pleno azul passar o immenso cantico  
Dos astros no seu giro e em sua luta o mar!

A cidade dormia o somno dos devassos;  
Aquelle somno turvo, infecto e sensual:  
E a lua, antiga fada, erguia nos espaços  
Tranquilla e sempre ingenua a fronte de vestal!

E sobre a quietação das coisas vis e exóticas  
Sentiam-se as febris, crueis respirações,  
Dos tristes hospitaes e das virgens cloróthicas,  
Dos amantes fataes da febre e das paixões!

A noite era em silencio, a athmosphera doce  
E ria a natureza, aos beijos d'um bom Deus.  
De subito escutei, ao longe, o quer que fosse  
D'um canto que suppoz então baixar dos céos!

Attento ao vago som, porém, a pouco e pouco  
Senti que era uma voz disforme e sensual,  
Soltando uma canção n'aquelle accento rouco  
Da triste inspiração alcoolica e brutal!..

Ó terna vagabunda, enamorada lua!  
Emquanto ias assim, diaphana e sem véo,  
Uma triste mulher passava, então, na rua  
Cuspindo uma porção d'infamias para o céu!



XXIII

Eu quizera depois das lutas acabadas,  
Na paz dos vegetaes adormecer um dia  
E nunca mais volver da santa lethargia,  
Meu corpo dando em pasto ás plantas delicadas!

Seria bello ouvir nas moutas perfumadas,  
Emquanto a mesma seiva em mim tambem corria,  
As sãs vegetações, em intima harmonia,  
Aos troncos enlaçando as lividas ossadas!

Ó belleza fatal que ha tanto tempo gabo:  
Se eu volvesse depois feito em jasmims do Cabo,  
— Gentil metamorphose em que n'esta hora penso; —

Tu, felina mulher com garras de veludo  
Havias de trazer meu espirito, comtudo,  
Envolto muita vez nas dobras do teu lenço!



XXIV

## O VELHO CÃO

Soltava hontem já tarde um velho cão felpudo

Uns doloridos ais,

Em frente d'um palacio altivo, bello e mudo,

Cerrado aos vendavaes.

Fazia pena ouvil-o, o misero mollosso

Em seu triste chorar!

Era quasi uma sombra: apenas pelle e osso

E um vago, um doce olhar!..

Eis a sorte cruel do pobre que não come,  
    Dos miseros sem pão!  
Em paga ainda em cima os vae tragando a Fome,  
    A negra apparição!

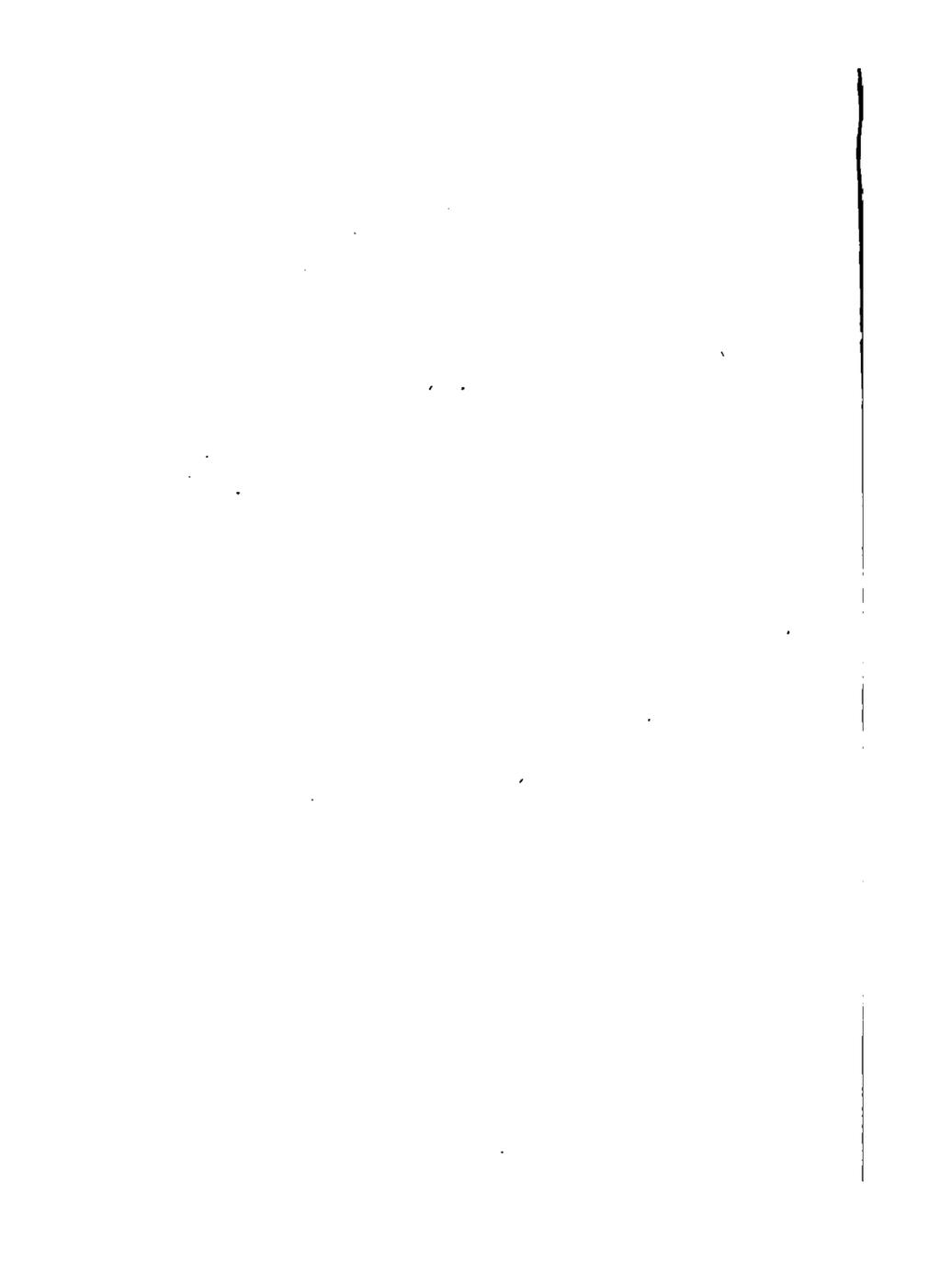
Latia o cão faminto. O frio era mordente,  
    Feroz, quasi voraz!  
E o pobre não sabia, em fim, que ha muita gente  
    Que adora a santa paz.

Ora perto vivia uma galante rosa,  
    Etherea, virginal,  
Que tinha um lindo collo, amava, era nervosa  
    E a quem fazia mal,

Aquelle uivar sinistro; a ponto de em desmaios  
    Pender a frente ao chão!  
Saíram pois á rua impavidos lacaios  
    E foram dar no cão.

— Ha no mundo um rafeiro, um velho cão esfaimado,  
— O povo soffredor,  
Que ás vezes vae ganir, com fome, o seu bocado  
Ás portas d'um senhor.

O resto é velha historia: ocioso é já dizer-vos  
O fim que ella ha de ter.  
A Ordem, só d'ouvil-o, alteram-se-lhe os nervos  
E manda-lhe bater!





## AS VELHITAS

Eu não professo muito o culto das ruínas.  
Prefiro uma officina ás velhas barbacãs;  
Das velhinhas, porém, mirradas, pequeninas,  
No entanto nunca insulto as prateadas câns.

Deixal-as caminhar, curvadas, vagarosas,  
Com seu bento roزاریo, os seus fofos beitões,  
A rirem-se de nós, crueis, maliciosas,  
Sagazes comentando as nossas illusões!

Ah, velhitas sem côr! cabeças regeladas,  
Vulcões de que só resta a cinza e nada mais:  
Já fostes as visões; talvez as brancas fadas;  
Prendestes vossos pés nos humidos resaes;

Tivestes já no olhar os bons reflexos magicos  
Dos lagos ideaes cubertos de luar;  
As curvas sensuaes, os bellos dedos tragicos;  
As rosas más do inferno, os lyrios bons do altar!

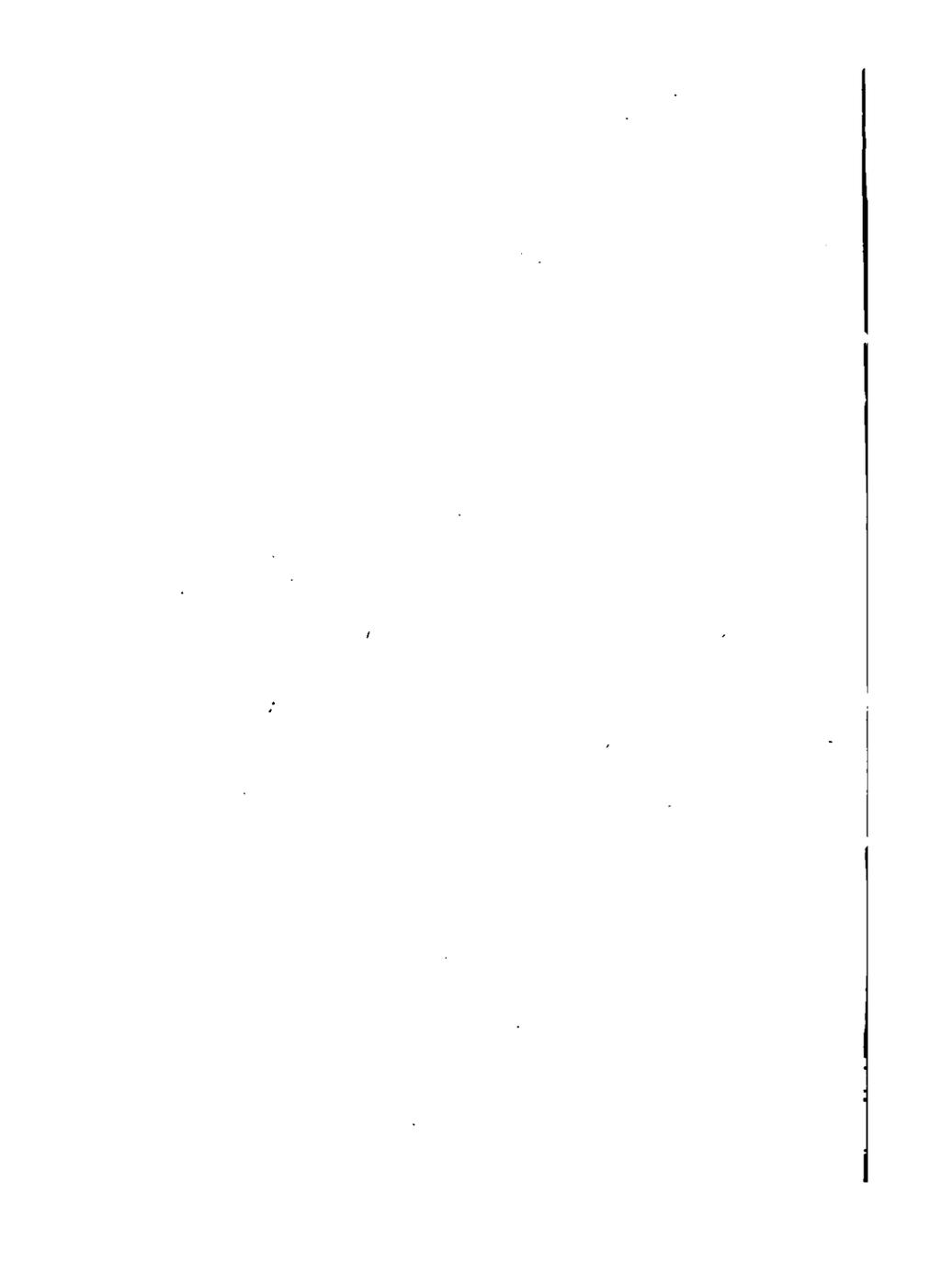
Pendestes já scismando as fronte melancolicas  
Nas varandas á noite, amantes dos Titães  
Do bello amor antigo! ó Marcias das bucolicas!  
E agora apenas sois as mães de nossas mães!

Segui vosso caminho: as graciosas fadas,  
As bellas da cidade, anémicas, gentis,  
Sorriem-se, talvez, das fitas desbotadas,  
Dos propectos chapéos, das gallas que vestis!

Oh! mostrando os trophéos das vossas velhas rosas,  
Dizei-lhes, a sorrir das futeis illusões,  
Que fostes já, tambem, galantes e nervosas  
Mas destes isso tudo a varios corações!

Agora tendes pouco: apenas uns lamentos  
Sentidos contra nós; queixumes sem valor!  
E ao mundo importam muito os vossos testamentos  
E importa muito pouco a vossa immensa dôr!

Batei á grande porta: os bellos dias vossos  
Velhitas, bem sabeis, não podem voltar mais!  
Á terra ide levar, em fim, n'uns tristes ossos  
O residuo fatal das cousas virginaes!





XXVI

## ÀS VISÕES

Pois que visões! não cessa a rapida corrida  
E seja noite ou dia,  
Volteadoras crueis! vós sempre a toda a brida  
Na minha phantasia!

Parti chymeras vãs! archanjos ou *madonnas*,  
Parti, que o mando eu,  
Como um bando fatal de velhas amasonas  
Que o circo aborreceu!

Levae tudo comvosco: as settas mais a aljava;  
O angelico sorriso;  
E as azas d'escumilha em que eu voava  
Á noite, ao paraíso!

Eu quero, em fim, dormir; passar as noites gratas  
Sentindo-me feliz,  
No somno machinal dos velhos acrobatas  
Depois das farças vis!

Mais tarde hei de sorrir, ou escarnecer-me quasi,  
Lembrando-me — ó verdade! —  
Que onde eu suppunha aurora havia apenas gaze  
E uns traços d'alvaiade.

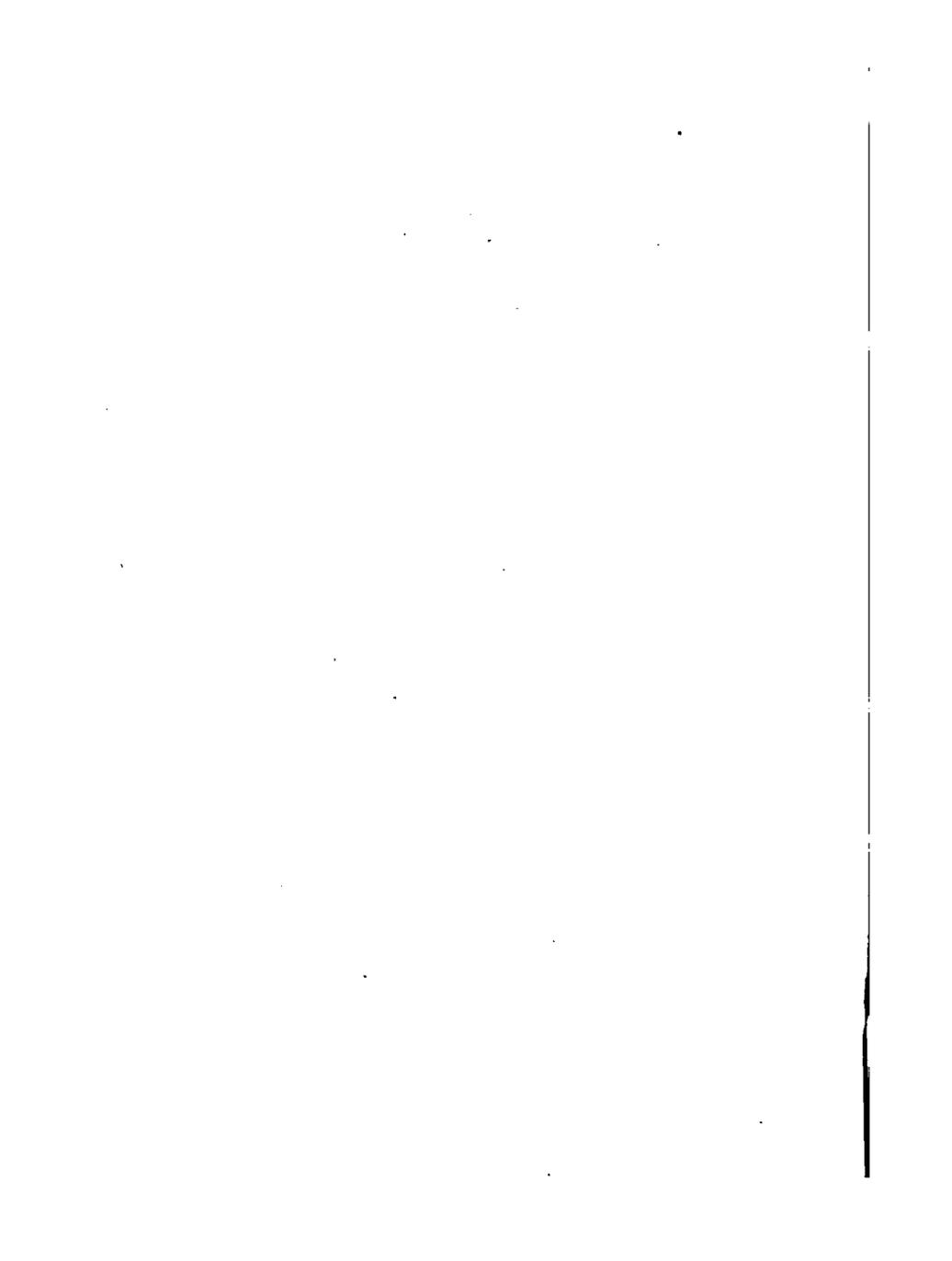
Perdão se vos insulto! oh, não, vós sois do empyreo,  
D'aquelle meigo azul,  
Que a todos tem sorriso: a Christo no martyrio,  
Na dôr, ao rei de Thule;

E quando vos apraz, nas azas transparentes,  
Mais alto ides por certo,  
Do que as deusas gentis, aerias, insolentes,  
Que vemos voar tão perto!

No entanto podeis crer ó lucidos fantasmas  
Que o seculo, afinal,  
Occulta no esplendor não sei que vis miasmas  
Que fazem muito mal!

E quando vós passaes, nas horas do mysterio  
D'estrellas revestidas,  
Bebemos nós, talvez, o aroma deleterio  
Das rosas corrompidas!

Oh sim! parti depressa; erguei-vos d'este abysmo  
Archanjos ideaes,  
Deixando-nos colher a flôr do realismo  
Nas coisas triviaes!





XXVII

Melancolias do outono! Eu quando além descubro,  
Nas tristezas do campo, as filas mugidoras  
Dos vagarosos bois que voltam das lavouras,  
Compungem-me as crueis desolações d'outubro!

Das orlas do poente, afogueado, rubro,  
Ó moribundo sol! com que poesia douras,  
As formas triviaes das cabecitas louras,  
Que, ás portas dos casaes, de bençãos tambem cubro!...

Solta o canto final a orchestra da folhagem:  
São horas de partir; apresta-se a viagem,  
E as noites dos saraus hão de voltar mais bellas!

Mas as vistas lançando ás regiões saudosas,  
Nos esforços crueis das tosses dolorosas,  
Em bandos vão partindo as tísicas donzellas!



XXVIII

## O VELHO MUNDO

Eu vejo em toda a terra um vasto cemiterio,  
A necrópole immensa, a campá dos colossos,  
Aonde em paz descansa o velho megatherio,  
Por entre a fauna morta, os carcomidos ossos!

E os grandes leviathaãs dos primitivos mares;  
Os tremendos reptis, crueis, descommunaes,  
Celebram no silencio as nupcias singulares  
Dos seus residuos vis, com ricos mineraes !

E os esqueletos nus dos lividos gigantes  
Abraçam-se melhor; conchegam-se na cova,  
Deixando um lugar vago aos velhos elephantes  
Que vão fugindo á luz da natureza nova!

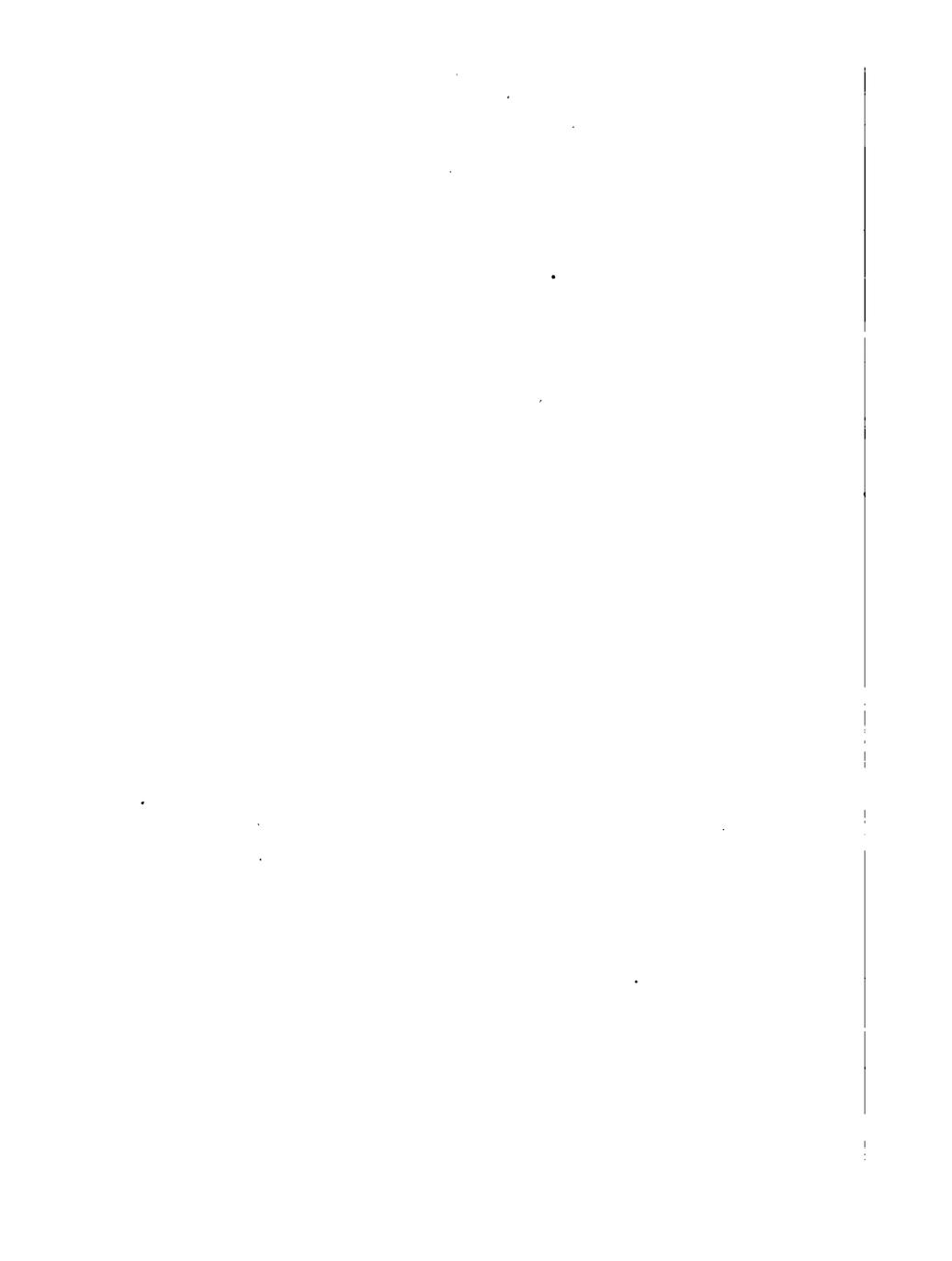
Tambem no mundo interno as almas vão seguindo,  
Na corrente da vida, em mil circulações;  
E da consciencia humana o largo abysmo infindo  
Occulta, ha muito já, disformes creações!

Ellas dormem na sombra immensa do passado  
Aonde em breve hão de ir nos trances doloridos,  
A velha Realeza e o trémulo Papado  
Sem forças descançar os corpos corrompidos.

Depois virão mais tarde as gerações futuras  
E os dois espectros vãos da sombra hão de evocar,  
Bem como a nossa voz, as grandes creaturas  
Do mundo primitivo, obriga a despertar.

E as crianças terão seus nomes de memoria,  
Como exemplo, na vida, a todos os momentos;  
E vel-os-eis de pé, nas paginas da historia,  
Grotescos, machinaes, pezados, somnolentos;

Fazendo-nos pensar; d'espanto enchendo tudo;  
Soffrendo o riso alvar do ingenuo e do plebeu,  
Eguaes ao masthodonte armado para estudo  
E exposto ás irrisões nas salas d'um museu!





XXIX

Eis a velha cidade! a cortesã devassa,  
A velha imperatriz da inercia e da cubiça,  
Que da torpeza acorda e á pressa corre á missa!  
Baixando o olhar incerto em frente de quem passa!

Ella estreita no seio a velha populaça,  
Nas vis dissoluções da lama e da preguiça,  
E nunca o santo impulso, o grito da Justiça,  
Lhe fez estremecer a fibra inerte e lassa!

E póde receber o beijo e a bofetada  
Sem que sinta o rubor da colera sagrada  
Acender-lhe na face as duas rosas bellas!

Sómente d'um sorriso alvar e deshonesto,  
Ás vezes, acompanha o provocante gesto  
Quando sôa a guitarra, á noite, nas viellas!



XXX

## À NOITE

Eu gosto de velar a percorrer os mundos  
Ó noite dos bons canticos,  
Aos lividos clarões dos astros vagabundos  
Nos extasis romanticos,

Emquanto a vil cidade, a cortesã devassa  
Dos falsos europeis,  
Com seus famintos cães, a sua lua baça  
E os seus negros bordeis,

Resona torpemente aos beijos deleterios  
D'alguns velhos amantes;  
— Os longos hospitaes e os tristes cemiterios  
Que a afagam delirantes!

Comtudo eu tambem sei que existe muito instante  
De gelos, em que tu,  
Feroz, cravas o dente agudo e penetrante  
No pobre seio nú!

Que ha horas em que vens, nas humidas cidades,  
Nas choças, nos esgotos,  
Cuspir cynicamente as frias tempestades  
No seio vil dos rotos,

Sem ter pena, sequer, da pobre mãe que passa  
Um dia sem ter pão,  
Nem d'essa esfarrapada e velha populaça  
Que rosna como um cão!...

Mas em breve deixando as tenebrosas vestes,  
O manto dos horrores,  
E o gladio vingador das coleras celestes  
Ó noite dos amores,

Retomas o tom puro e santo do mysterio  
Da pallida mulher  
Que vae colher, scismando, um lyrio ao cemiterio  
E ao campo um malmequer!

Em horas de tormenta és a mulher colerica!  
Até cospes na cruz!  
E formam-te espiraes na coma athmospherica  
As viboras de luz!

Porém no teu regaço, altivo, casto, enorme,  
Em doce e plena paz,  
É que a virtude sonha e que a desgraça dorme  
Depois das horas más,

E em lucidos cristaes, ha scintillantesinhos;  
Os casos mais galantes;  
As languidas canções; os bellos desalinhos  
E os gestos provocantes!...

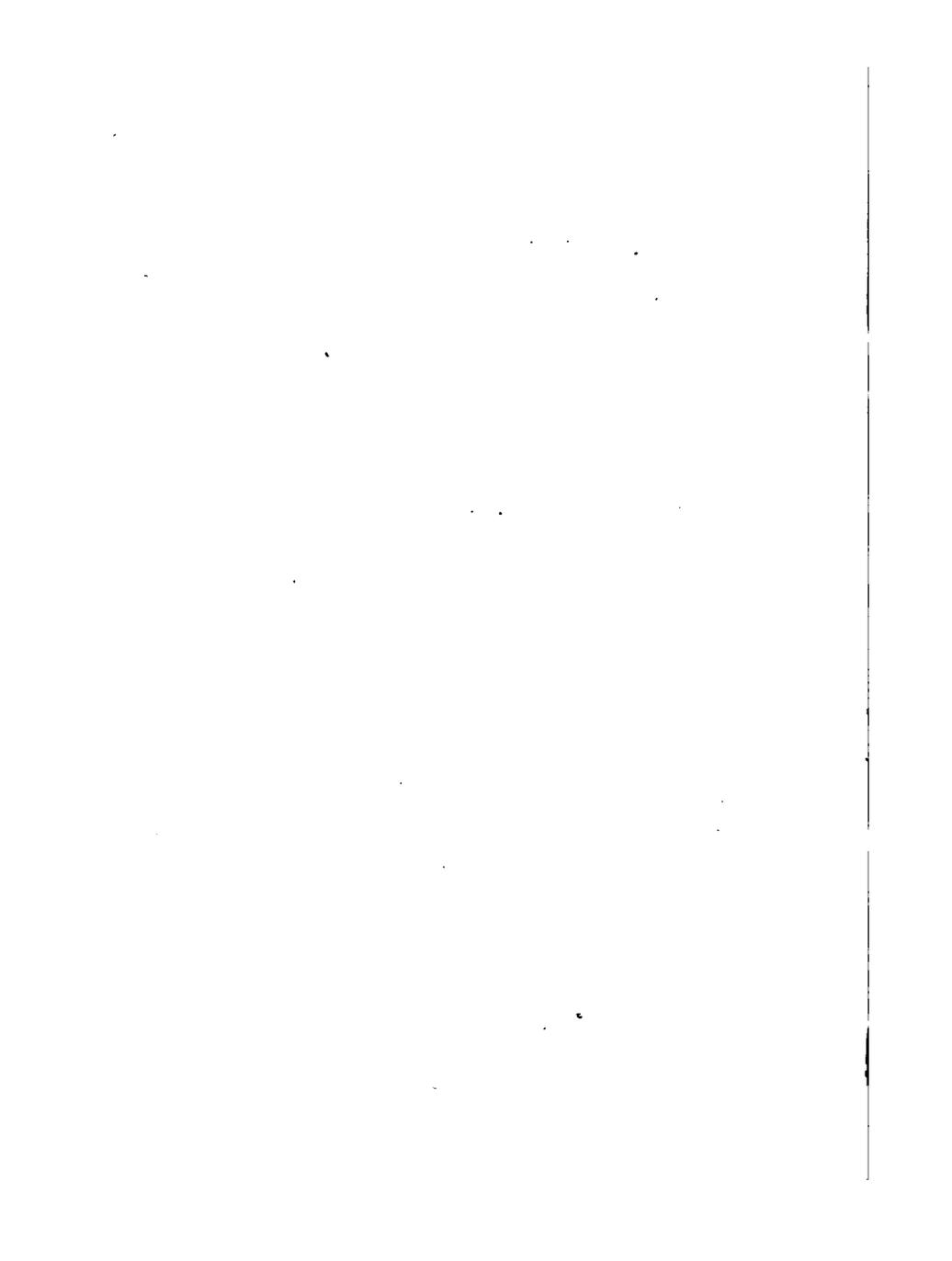
Ó filha do silencio! Aos puros alabastros  
Dos hombros ideaes,  
Se Deus arremessasse a quantidade d'astros  
Que em ti brilham a mais,

As pallidas visões que passam doloridas,  
E um tanto contristadas,  
Haviam de surgir d'estrellas revestidas  
Em trajos d'alvoradas!

Em ti cuida escutar uns sons inexprimiveis  
De languidas canções,  
O pobre sonhador de coisas impossiveis  
Que adora as solidões!

E quando o resplendor de mundos luminosos  
Na tua fronte cinges,  
Os gatos sensuaes, electricos, nervosos  
Repouzam como esphinges;

Emquanto as combustões dos lividos comêtas,  
Errantes e fataes,  
Comsomem lentamente as grandes borboletas  
Dos nossos ideaes!





XXXI

## A VALLA

Trazei mortos á valla; a hydra está com fome  
E deve ser-lhe longa a hora em que não come!  
Olhae como ella mostra aquelles que a vão ver,  
Inerte, sem pudor, de fauce escancarada,  
A amargura cruel da bocca desdentada  
    Que pede de comer!

Lançae ao monstro informe algum repasto novo!  
Trazei-lhe carne humana; arremeça-lhe o povo.

Tranzido pelo frio ou morto pelo sol!  
E visto haver na fera abysmos insondaveis  
Mandae-lhe as legiões dos grandes miseraveis  
Que morrem sem lençol!

Eu quero vel-a farta, a lugubre panthera,  
Que, na sombra agachada, olhando em roda, espera  
A preza que lhe inveja a gula dos chacaes.  
Começa a ouvir-se ao longe a marcha vagarosa  
Da triste procissão cruel e dolorosa  
Que vem dos hospitaes.

Um velho esquife chega: em duas taboas toscas  
Um pobre semi-nú coberto já de moscas,  
N'um riso deixa ver não sei que tons crueis!  
Emquanto nos sorria a luz das noites bellas,  
Talvez que elle varresse a lama das viellas  
E o lixo dos bordeis!...

E poudes, em fim, dormir no seio bom da morte!  
Apoz, como se fôra a livida consorte  
D'aquelle vil despojo, ás mesmas horas vem,  
Trazendo por sudario os seus vestidos rotos,  
Uma triste mulher caída nos esgotos  
Sem benções de ninguem!

Devora-os ambos fera! Engole-os juntamente:  
Reune-os em consorcio e dá-os de presente  
Á larva que partilha as ancias do teu ser!  
Aguça o teu desejo! — A garra infecta lança  
Ao corpo tenro e nú d'uma gentil criança  
Que a mãe te vem trazer!

Redobra d'appetite! Alonga-se a teu lado  
A fila tenebrosa! O espectro do soldado  
A par do que vergou cansado de cavar:  
E o mineiro sem luz, o martyr legendario;

E amparando-se a custo ao velho proletario  
A flôr do lupanar!

Mastiga a turba vil e alonga essa guela!  
Bem vês que vem chegando um corpo de donzella  
Que pela candidez recorda uma vestal!  
Voou-lhe, n'um sorriso, o derradeiro arranco  
E traz viçoso ainda um grande lyrio branco  
No seio virginal!

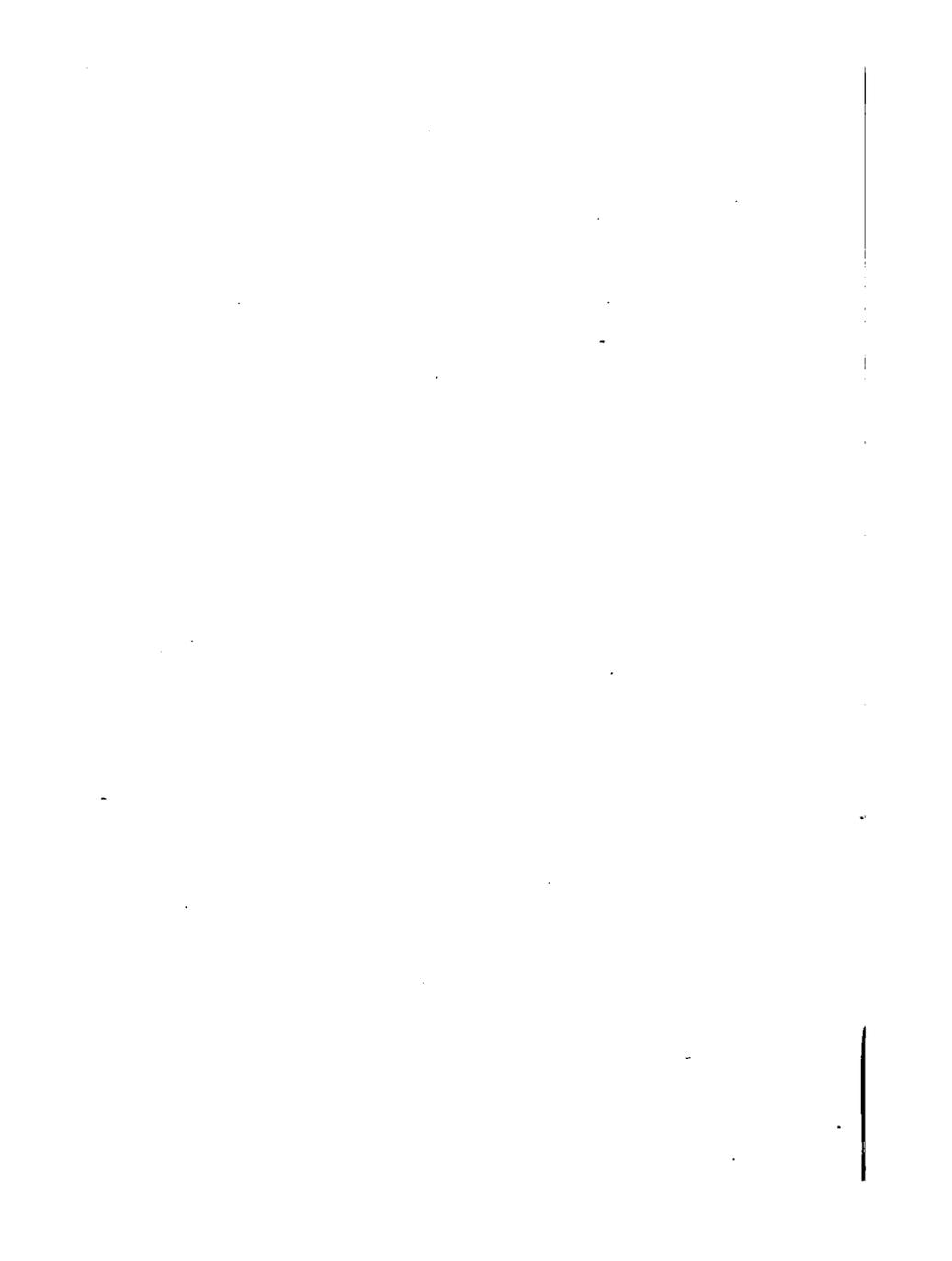
Ó monstro sensual na sombra tripudia!  
Celebra no silencio a tenebrosa orgia,  
Que as Deusas vem chegando ao lubrico festim!  
N'um beijo os labios colla á frigida epiderme  
E o D. Juan da morte, o cavalheiro Verme,  
Que viva e gose emfim!

Eu quero ver-te farta, em halitos profundos,  
Dormindo o somno vil dos animaes imundos,

De ventre para o ar, serpente infecta e má!  
E amanhã, na estação dos candidos amores,  
Veremos rebentar n'um tapete de flôres  
O lixo que em ti ha!

E a santa mocidade; as languidas mulheres;  
Virão depois colher os gratos malmequeres,  
Pizando-te sem medo e cheias de desdem,  
Em danças sensuaes; o fato em desalinho;  
Compondo-te canções; regando-te de vinho;  
Sem pena de ninguem!

E tu que és monstruosa, infame, vil, medonha;  
Que não mostras pudor; que não sentes vergonha;  
Que és a campa-monturo e não podes ser mais;  
Cingida em fim, tambem, de rosas orvalhadas,  
Terás dado um perfume ás almas namoradas,  
E pasto aos animaes!





XXXII

Ó vultos ideaes, fantasticos e bellos,  
Que ás vezes revoaes nas salas deslumbrantes,  
N'um grande mar de tulle, ethereas, fluctuantes.  
Aos suspiros fataes dos meigos violoncellos;

Que bom que era sonhar nos pallidos castellos,  
Á noite, á beira mar, nas solidões distantes,  
Nos tempos em que a flôr dos timidos amantes  
Á lua confiava os intimos anhelos !...

Agora sois gentis, despepticas, vistasas;  
Pagaes por alto preço as exquisitas rosas;  
Nos rapidos wagons correis o mundo em roda;

Mas prostradas do baile, amarrotando a luva,  
Emquanto cae na rua a somnolenta chuva,  
Scismaes no Deus-Milhão, — no Creador da moda!



XXXIII

Eu vejo em tua bocca as pétalas vermelhas  
D'uma rosa de fogo aonde vão libar,  
O mel das illusões, quaes timidias abelhas,  
Uns velhos ideaes que em vão tento expulsar.

Dizer-me pódes tu de que ovulo espontaneo,  
Tocadò pelo sol, em mim podee nascer  
Este bando cruel que dentro do meu craneo  
Não faz ha muito já senão roer, roer?!

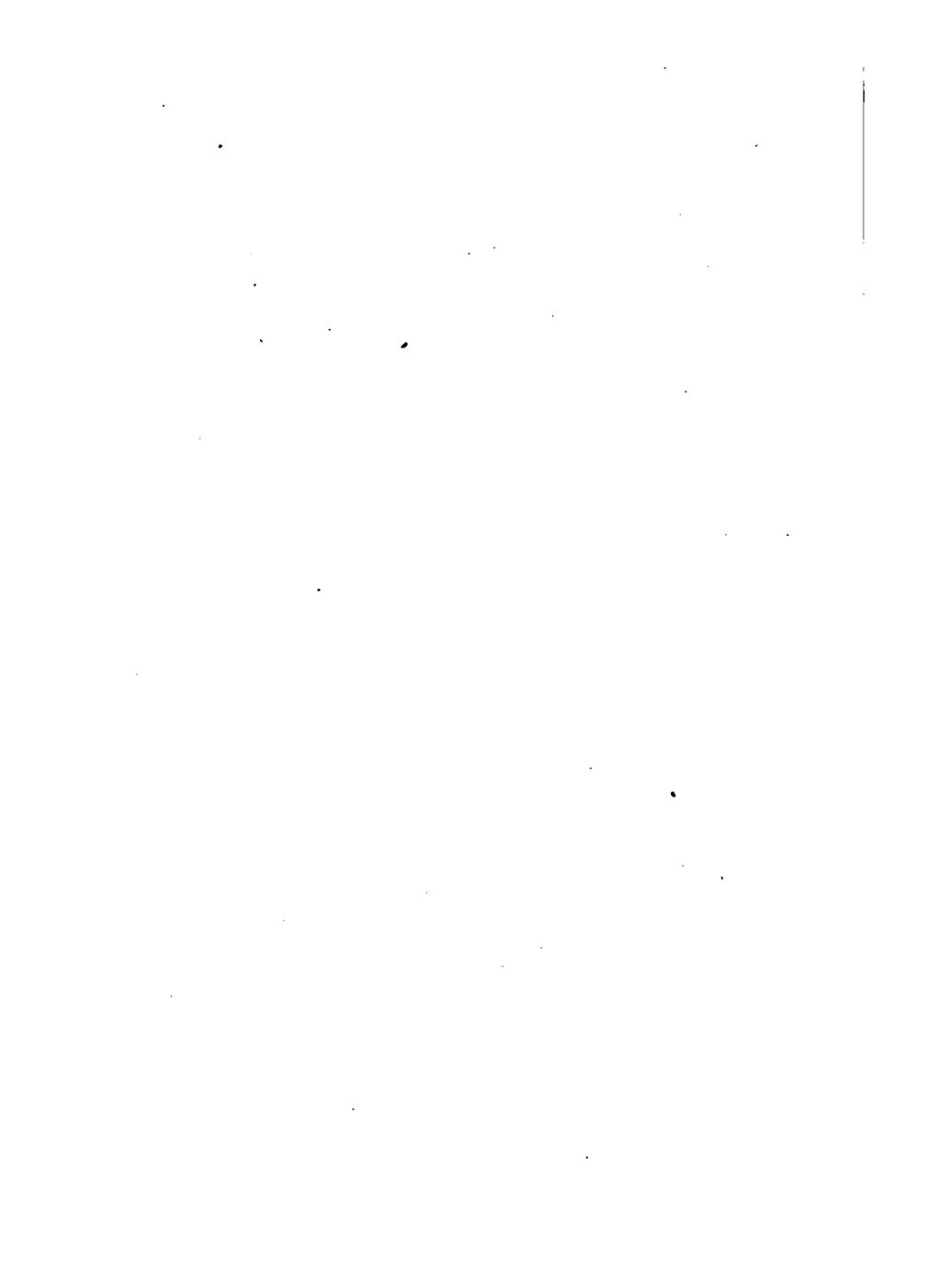
Às vezes vôa ao largo; ás serras, ás campinas;  
Remonta aos astros bons; torna a descer dos céos;  
E volta a demolir as trémulas ruinas  
Do templo onde crepita a luz dos dias meus!

Ó grande flôr suave! e n'isto se resume  
A constante batalha, o sempiterno afan!  
Aspira a minha essencia ao teu grato perfume;  
Sossobra o dia d'hoje ao dia d'ámanhã!

Oh, volvamos á terra; aos placidos logares,  
Aonde os hymeneus fecundos e reaes,  
Produzem, dia a dia, os fetos singulares  
E as sãs vegetações dos candidos rozaes!

E o que ha d'ethereo em nós, que siga as breves phases  
D'um fluido transitorio, erguendo-se nos céos,  
Nas grandes expansões dos fugitivos gazes  
Onde em linguas de fogo ás vezes fala Deus.

Forçoso é separar os dois rivaes antigos,  
Na batalha cruel que em nós se reproduz.  
Sorria o que é da terra aos vegetaes amigos;  
Rebrilhe o que é do céo nas refraçções da luz!





XXXIV

## NOS CAMPOS

A fragancia do trevo e das flôres selvagens  
Da noite embalsamava as tepidas bafagens :  
Ao longe os astros bons olhavam-nos dos céos.  
O mundo era um altar; as serras grandes aras;  
E os canticos da paz corriam nas searas  
Em honra do bom Deus.

No solemne silencio immersa ia minha alma  
Em tranquilla mudez; n'aquella doce calma

Que sente germinar os frescos vegetaes.  
De subito uma voz deixou-me um pouco extatico:  
Detive-me um momento; olhei:—era o viatico!  
De noite a horas taes,

Que andava Deus fazendo, assim, pela campina,  
Trazido pela mão d'um padre sem batina  
Roubado ás sensações d'um longo resonar?  
Fui seguindo o cortejo até que n'uma choça  
O Rei dos reis entrava: o padre, com voz grossa,  
Movia-se a rezar.

Nos restos d'uma enxerga, ali, no vil cazebre,  
Um pobre cavador, mordido pela febre,  
Torcia as grossas mãos nas ancias do estertor;  
E os filhos semi-nus sentindo a pena ignota  
Tentavam-se esconder na velha saia rota  
Da mãe louca de dôr!

A voz do sacerdote a custo resoava.  
A palavra d'amor que ali se precisava,  
Não posso dizer bem se acaso elle a soltou.  
Falava o Deus severo e forte dos castigos,  
Ou esse bom Jesus que aos pés d'alguns mendigos  
Um dia ajoelhou?

Do padre tinham medo os tremulos pequenos.  
Os magros cães fieis erguendo-se dos fênos  
Latiam tristemente em volta do casal:  
E o levita lançava áquella noite escura  
A benção derradeira, erguendo a mão segura,  
N'um gesto machinal!

Depois transpondo, á pressa, a porta da cabana,  
Sabia sem deixar da sãa verdade humana  
O balsamo suave, o dom consolador!  
Oh, de certo o Jesus de que nos fallam tanto

Não era o que deixava ali, n'aquelle canto  
Sósinha a mesma dôr!

Sorria Deus, no entanto, em toda a natureza!  
Nas florestas, no val, nas serras, na deveza,  
Nas moitas dos rozaes, no movediço mar!  
O constellado azul dir-se-ia um sanctuario!  
Havia aquelle albergue apenas solitario,  
E frio o pobre lar!

E o rude agonisante, o triste moribundo  
Que em breve ia partir; abandonar o mundo;  
Os seus deixando sós, na terra, sem ninguem,  
Talvez ao presentir o fim da insana lida  
Soltasse maldicções, ainda, contra a vida  
E contra nós tambem!

E eu lembrei-me então d'aquelles bons valentes  
Que lutam todo o dia e vão morrer contentes

Á noite, ao pé dos seus, depondo os vãos laureis;  
E d'aquelles, também, de frontes requeimadas  
Que pela causa santa, em pé, nas barricadas,  
Se batem contra os reis!

Lembraram-me os heroes, serenos, bons, austeros,  
Que sagram toda a vida aos ideaes severos  
Da justiça e do bem; caindo com valor,  
Sem que a dextra cruel dos despotas os dome  
Nas batalhas da idéa; oppressos pela fome,  
Varados pela dor!

Ó pobres multidões! as grandes noites frias  
Não cessam de morder, famintas e sombrias,  
N'um banquete nefando os vossos corpos nus!  
E o lyrio da justiça; a grande flôr sagrada,  
Nem sempre mostra, em vós, aberta e desdobrada,  
As petalas de luz!

Eu quando porem lanço as vistas ao futuro  
E vejo dia a dia a despontar mais puro  
O grande sol da idéa, em rubidos clarões,  
Recordo-me que sois a productiva leiva  
Aonde já circula uma opulenta seiva,  
De grandes creações!





XXXV

## O ULTIMO D. JUAN

D'aquelle de quem falo, as socegadas lousas  
Podiam-vos contar as violações brutaes!  
A gula com que morde as mais sagradas cousas  
D'horror faz recuar os trémulos chacaes.

Não descanta á viola, á noite, os seus enleios:  
Elle vive na sombra e eu sei tambem que vós,  
Gentis bellezas d'hoje, ó astros dos Passeios,  
Lhe não lançaes, a furto, a escada de retroz.

Mas sede muito embora as virgens sem desejos,  
As monjas virginaes, uns pudicos dragões;  
Fechae o niveo collo aos vendavaes dos beijos,  
E ás noites de luar os vossos corações ;

Um dia hade chegar em que elle, informe, tosco,  
Sem garbo, sem pudor, grotesco, infame, vil;  
Nas grandes solidões irá dormir comvosco,  
Mordendo em cada seio o lyrio mais gentil !

E o que elle adora muito ó virgens romanescas  
Não é o que abrigaes d'ethereo e virginal :  
Adora os corpos nus ; as bellas carnes frescas ;  
Deixando o resto a vós damnados do ideal !

Não vive como nós de candidas mentiras :  
Não communga do amor esse illuzorio pão :  
Devora com fervor as pallidas Elviras  
E em muitos seios bons dá pasto ao coração !

Tem palacios na sombra e fazem-lhe um thesouro  
Maior do que o dos reis; adora as solidões:  
Não uza d'espadim; não traz esporas d'ouro;  
Mas vive como os reis das grandes corrupções!

Flôres sentimentaes! tremei do paladino,  
Do velho D. Juan, feroz conquistador,  
A quem da vossa bocca um halito divino,  
Em vida, faz fugir talvez cheio d'horror;

Mas que um dia virá, na candida epiderme,  
Na sagrada nudez dos collos virginaes,  
Em hymnos de triumpho — o grande Cezar-Verme! —  
Colher o que ficou de tantos ideaes!





XXXVI

Formosuras do inverno! Ao sol das duas horas  
A aérea multidão de fadas quebradiças,  
Gentis aparições dos bailes e das missas,  
Desliza no fulgor das pompas sedutoras.

No arfar da cazimira ha frases tentadoras  
E maciezas taes nas languidas pellicas,  
Que as tristes commoções, decrepitas, morticas,  
Resurgem do lethargo ó pallidas senhoras!

E muitos hão de ter uns extasis divinos  
Ouvindo soluçar, á noite, aos violinos,  
A vaga introdução d'uma balada aerea;

Em quanto, do futuro, ao toque da alvorada,  
Se escuta, a martellar na sua barricada,  
Sinistra rota e fria, a livida Miséria.



XXXVII

ANTIGO THEMA

Passae larvas gentis na rua da cidade  
Aonde se atropella a turba folgazã;  
A noite é um tanto agreste e cheia d'humidade  
Mas o tedio mortal precisa a claridade  
Que em vosso olhar trazeis, vizões do macadam!

Estatuas sem calor! vós sois das grandes vazas  
D'um corrompido mar as Deusas menos vis!  
Se á noite abandonacs, voando, as pobres casas,

E vindes pela rua onlamear as azas,  
Quem sabe à fome occulta, as sedes que sentis!

A pallida Miseria em seu triste cortejo  
Precisa as contracções de muitos hombros nús:  
E vós ides sorrindo ao lubrico desejo,  
Do carro da desgraça arremessando um beijo  
Que apenas é de lama em vez de ser de luz!

Embora! caminhae deixando um grande rasto  
D'estranhas emoções, d'aromas sensuaes:  
E ao pobre que mendiga a pallidez d'um astro;  
Ao que sonha vizões e archanjos d'alabastro  
Fazei por despenhar nos longos tremedaes!

Do velho idyllio, a muza, ha muito já que dorme,  
E o arroio em vão suspira e chora a nossos pés!  
A grande multidão, — a vaga, a onda enorme,  
Que oscilla sem cessar, e gira multiforme  
Ás corridas, ao circo, ao templo e aos cafés,

Talvez ao presentir que tudo, emfim, declina,  
Adore a immensa luz, em vós, constellações,  
Que não baixaes do céo; que vindes d'uma esquina,  
Vagando no rumor da aérea musselina,  
Em plena bacchanal fingindo de vizões?

Oh, sois do nosso tempo! A languida existencia  
De tedios se consome e sente febres más!  
Aspira ao que é bizarro: a uma exquisita essencia  
Que exhala aquella flôr que vem na decadencia  
E quando a toda a luz succede a luz do gaz!

Do seculo a voz rude apenas diz — trabalha! —  
Ao poste vil amarra o lubrico ideal  
Que expira, emfim, talhando a funebre mortalha  
Na vossa trança gasta, ó muzas da canalha  
Que apenas revoaes do olimpo ao hospital!





XXXVIII

## A MÃE

Eu canto-vos, mulher, por que vos tenho visto  
Na palpebra vermelha a lagrima d'amôr,  
Que vem d'Eva a Maria — a doce mãe de Christo —  
Formando a stalactite immensa d'uma dôr!

Oh, quantas vezes já n'aldeia miseravel  
Nas tristezas do campo, ás portas dos casaes,  
Vos tenho surprehendido, em extasi adoravel,  
Em quanto os filhos nús ao peito conchegaes!

A fria noite chega. Os maus, de bocca cheia,  
Rebolam-se na terra: ainda pedem pão!  
Com elles repartis a vossa parca ceia;  
E vendo-os a dormir podeis sorrir então.

D'inverno quasi sempre as noites são mordentes.  
Uivam lobos na serra: o vento uiva tambem:  
Mas elles vão dormindo os longos somnos quentes,  
Em quanto a vil insomnia opprime a pobre mãe!

Tendes sustos crueis. Temendo que lhes caia  
A roupa que os abafa, aos pobres acudis;  
E aninhando-os melhor nas vossas velhas saias  
Podeis então dormir um tanto mais feliz.

Mulher quanto é suave e longo esse poema  
Quanto é preciso ó mãe, no transito cruel,  
Que vossa alma estremeça e o vosso peito gema  
A fim de que em vós brilhe o mais alto laurel!

Quem é que nunca viu, na rua, a cada passo,  
A pallida mulher que rompe a multidão,  
Trazendo agasalhado, um filho no regaço,  
E aos tombos, muita vez, um outro pela mão?!

Nos frios do lagedo, ás vezes, pede esmola  
Ás portas dos cafés: ninguém a quer ouvir:  
E a ella qualquer codea a farta e a consola  
Comtanto que sem fome os filhos vão dormir!

E em quanto á luz do gaz a turba prazenteira  
No fumo dos festins revoa em turbilhão,  
Quantos dramas crueis nas humidas trapeiras;  
Nos campos quantas mães sem roupas e sem pão?!

E sempre a mesma lenda, a mesma historia antiga:  
Do palacio á cabana o vosso doce olhar,  
Nas insomnias crueis, na fome ou na fadiga,  
D'um raio creador o berço a illuminar!

No entanto á doce mãe, se aquelle amor sem termo,  
Da moda traja agora os novos europeis,  
E o vosso coração já gasto e um pouco enfermo,  
Soffrendo se dilue nos ideaes crueis;

Nas vagas pulsações d'umas recentes ancias,  
Se aquella santa fiôr das grandes commoções,  
Apenas tem logar nas vossas elegancias,  
Como um enfeite de mimo amado nos salões;

Na corrente fatal que ao longe arrasta os povos,  
Se o vosso grande affecto intenta erguer-se mais,  
Sonhando a sagração dos heroismos novos,  
Resplendente de luz; vistosa de metaes:

Aos reflexos do gaz, ó mãe, abri passagem  
Por entre a saudação das alas cortezãs,  
Levando as seducções da vossa doce imagem  
Aos delirios da noite, ás ceias das manhãs!

Surgi do canto obscuro aonde o casto seio  
Palpita ingenuo e bom na paz da solidão,  
E o vosso amor levae á opera e ao passeio  
A fim de que elle arranque um bravo á multidão!

E eu heide rir ao ver que o peito onde um thesouro  
Maior do que nenhum podemos encontrar,  
Intenta seduzir pela medalha d'ouro  
Que aos pequenos heroes os reis costumam dar!

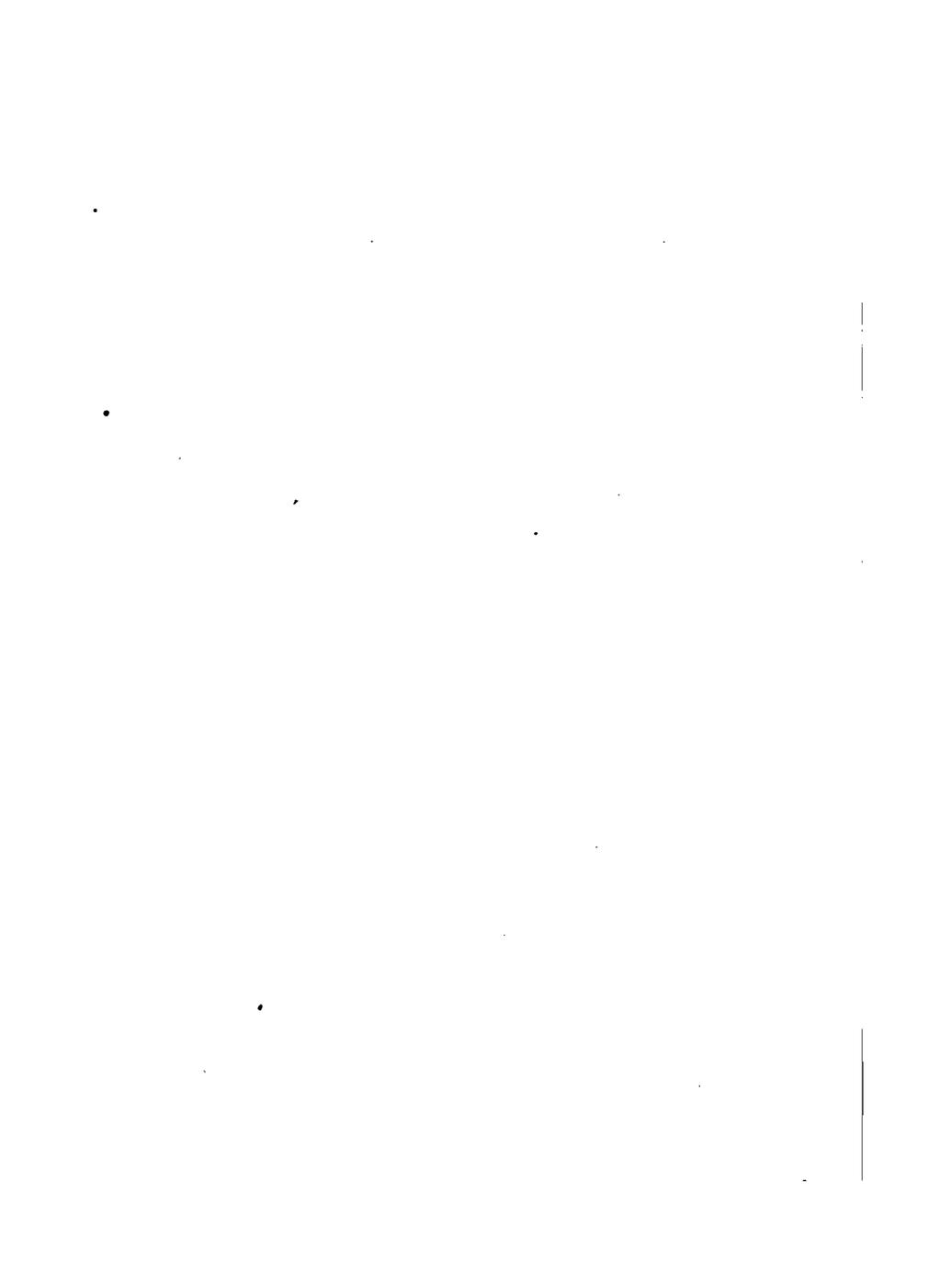




XXXIX

Archanjo vae-te embora: é tarde: em nossas casas  
Talvez alguém se affija; é tão deserta a rua!...  
Tu debes sentir frio! Embuça-te nas asas;  
Dá saudades á lua.

Um beijo em cada estrella!... Espera que eu sou louco!  
Sonhei devo pagar: perdão anjo dos céos!  
Agora tem cuidado; o céu escorrega um pouco:  
Boas noites adeus!





XL

## SANTA SIMPLICIDADE

Na serena missão de paz que tu cumpriste  
Ó suave Jesus, ó doce galileu,  
Que santa singeleza e que perfume triste  
Do teu casto perfil no mundo rescendeu !

Havia no teu verbo aquella unção divina  
Que a velha harpa de Job soltou nas solidões,  
E o bello, o puro sol da antiga Palestina  
Suave contornou, de luz, tuas feições !

Compunham-te o cortejo uns pobres pescadores  
Almas rectas e sãs ; marchavas por teu pé,  
E sorrias falando aos rudes e aos pastores,  
Sentado nos portaes da pobre Nazareth.

Da tua Galiléa os valles percorrias  
Levando um bom quinhão d' affecto a cada lar,  
E o grande olhar suave e terno das judias  
Turbaste muita vez, de certo, sem pensar !

E mais simples na morte, apenas a tua alma  
Transpunha as regiões purissimas do sol,  
Tu que havias colhido a immorredoura palma  
Não tinhas para o corpo as gallas d'um lençol !

Consola-te ó Jesus ! Tu deves já ter visto  
Que sobre a terra, agora, ao teu nome feis,  
Os que se dizem ser apóstolos de Christo  
Não precisam trajar os infimos bureis.

Não maceram seus pés ! não vão pobres e rotos  
Envolto na estamemha, apedrejados, sós,  
Nos desertos viver de mel e gafanhotos,  
Convertendo o gentio ao som da sua voz.

Ante elles, ao contrario, alargam-se os batentes  
Dos palacios reaes, nas grandes recepções,  
E formam-lhes cortejo os coches reluzentes  
Atraz dos quaes se bate um trote d'esquadrões !

Cobrindo-lhes, depois, d'insignias as roupetas,  
Afim d'honrar melhor a primitiva fé,  
Redobram-se ainda mais as velhas etiquetas ;  
Polvilham-se melhor os homens da libré !

E dão-se-lhes festins onde ha grandes baixellas,  
Fataes scintillações de vinhos e rubins,  
Gargantas ideaes, grandes espaduas bellas,  
Lampejos de cristaes, insidias de setins !

Oh! temo bem Jesus que tantas pedrarias  
Façam peso de mais na barca do Senhor,  
Quando é certo que as mãos de Pedro um pouco frias  
Mal podem segurar o leme salvador!

Por isso quando avisto o espaço que negreja  
E o mar que se encapella, eu temo que amanhã  
Do fendido baixel da tua velha Egreja  
Apenas reste, á prôa, uma ficção pagã!



XII

O velho Olimpo dorme o bom somno comprido  
Que prostra o lutador no fim d'uma batalha,  
E os Deuses d'outro tempo, em livida mortalha,  
Descançam no torpor d'um mundo corrompido.

No puro céo christão, de estrellas revestido,  
No entanto ha muito já que chora e que trabalha,  
Por nós, o Christo bom sem que seu Pae lhe valha,  
A fim de ver, de todo, o mundo redimido!

Justiça, traça o manto alvissimo e estrellado  
E senta-te, mulher, no throno abandonado  
Pelos vultos gentis de tantos Deuses velhos!

Depois inda maior, mais pura e mais serena,  
No sangue de Jesus molhando a tua penna  
Explica a nova lei no fim dos evangelhos!



XLII

## OS PALHAÇOS

Heroes da gargalhada, ó nobres saltimbancos,  
Eu gosto de vossês,  
Por que amo as expansões dos grandes rizo francos  
E os gestos d'entremez,

E prezo, sobretudo, as grandes ironias  
Das farças joviaes,  
Que em visagens crueis, imperturbaveis, frias,  
Á turba arremeçacs!

Alegres histriões dos circos e das praças,  
Oh, sim, gosto de os ver  
Nas grandes contorsões, a rir, a dizer graças  
Do povo enlouquecer,

Ungidos para a luta heroica, descambada,  
De giz e de carminim,  
Nas mimicas sem par, heroes da bofetada,  
Titães do trampolim!

Correi, subi, voae n'um turbilhão fantastico  
Por entre as saudações  
Da turba que festeja o semi-deos elastico  
Nas grandes ascenções,

E no curso veloz, vertiginoso, aerio,  
Fazei por disparar  
Na face trivial do mundo egoista e serio  
A gargalhada alvar!

Depois mais perto ainda, a voltear no espaço,  
Pregae-lhe, se podeis,  
Um pontapé furtivo, ó lividos palhaços  
Lusentes como reis!

Eu rio sempre ao ver aquella magestade,  
Os tragicos desdens,  
Com que nos divertis, cobertos d'alvaiade,  
A troco d'uns vintens!

Mas rio ainda mais dos histriões burguezes  
Cobertos d'ouropéis  
Que tomam, n'este mundo, em longos entremezes,  
A serio os seus papeis.

São elles, almas vãs, consciencias rebocadas,  
Que, em fim, merecem mais  
O comentario atroz das rijas gargalhadas  
Que ás vezes disparaes!

Portanto é rir, é rir, hirsutos, grandes, lestos,  
Nas comicas funcções,  
Até fazer morrer, em desmanchados gestos,  
De riso as multidões!

E eu que amo as expansões dos grandes risos francos  
E os gestos d'entremez,  
Deixae-me dizer isto ó nobres saltimbancos,  
Eu gosto de vossês!



XLIII

## A HYDRA

Ha muito que desceu das orientaes montanhas  
A hydra singular que espalha nas ardencias  
D'uma luta febril scintillações estranhas!

Ella galga, rugindo, ás grandes eminencias,  
E emquanto vae soltando o silvo pelo espaço  
Engrossa á luz do sol na seiva das consciencias.

T'em rijezas sem par, como de roscas d'aço  
E corre descrevendo em giros caprichosos  
Na leiva popular um indefinido traço.

Prefere aos antros vis os focos luminosos  
E em mil voltas crueis aperta dia a dia,  
N'uma longa espiral, os thronos carunchosos.

Passou pelo paiz da candida Utopia:  
Nos mythicos rosaes viveu d'um vago aroma  
Ao pallido fulgor da aurora que rompia.

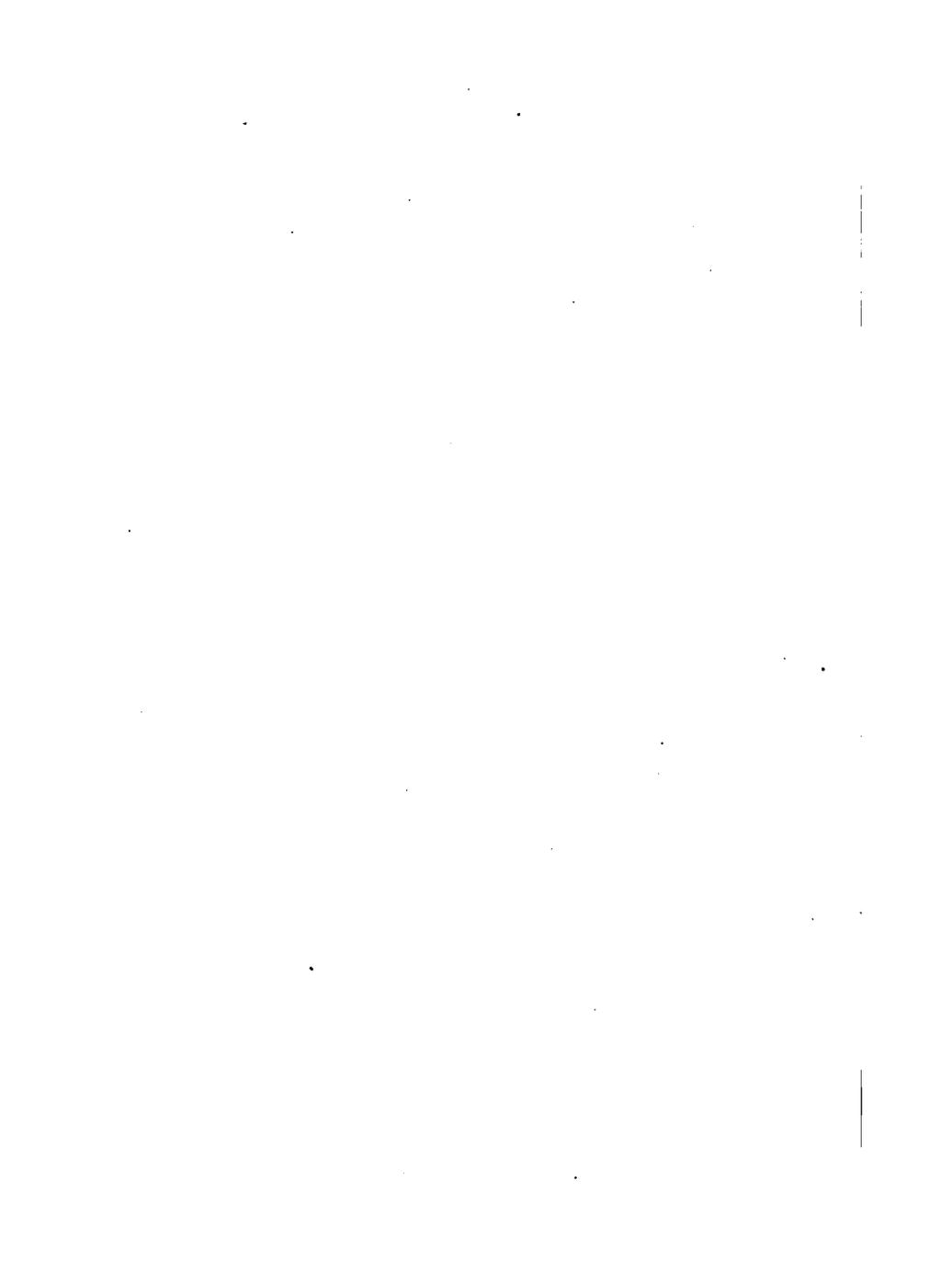
Mas hoje com valor em toda a parte assoma,  
E sem temer sequer a lugubre vizeira  
Ha muito que transpoz os porticos de Roma.

E os Papas mais os Reis sentindo-a na carreira  
Do seu longo triumpho, um tanto apavorados,  
Trataram d'acender a livida fogueira.

E ao galope lançando os esquadrões cerrados  
Começaram depois, na terra, a perseguil-a,  
A cúmplice fatal dos lividos Pecados !

Mas ella sem temor, nos cerberos tranquilla,  
Derrama cada vez mais bellos e fecundos  
Os intensos clarões da lucida pupilla,

E enquanto a imprecação de tantos moribundos,  
Os despotas crueis, acolhem com desdem,  
A hydra immensa — a Idéa — a farejar nos mundos  
Ainda a garra adunca afia contra alguém !





XLIV

## OS NOVOS LEVIATHÃS

Dos antigos Titães, o mar, — fera indomavel,  
Agora verga o dorso ao peso colossal  
Dos novos leviathãs que em bando formidavel,  
Nas grandes explosões da colera insondavel,  
Já levam de vencida o abysmo e o vendaval!

Elles seguem no mar, altivos no seu rumo,  
Em halitos de fogo, á nossa voz fieis,

E como o combatente erguendo a lança a prumo,  
Em turbilhões roimpendo, as flamulas de fumo  
Ostentam sem cessar correndo entre os parceis!

Que sopro creador, que força omnipotente  
Os fez surgir do nada, os monstros colossaes?  
Ó novos leviathãs provindes tão somente  
Do fecundo hymeneu, d'este connubio ardente  
Do Genio e do Trabalho, amantes immortaes!

Correis de mar em mar, altivos, triumphantes,  
Levando a toda a parte a vida, a nova luz,  
E as sereias gentis não fazem como d'antes,  
Ao som da sua voz, perder os navegantes;  
O dorso dos delfins, no mar, já não reluz!

Ó alma antiga dorme inerte no regaço  
Dos velhos Deuses vãos, que o homem creador

Agora ri de ti, prostrada de cansaço,  
Emquanto vae soprando em mil gigantes d'aço  
Outra alma inda mais larga, — o novo Deus-Vapor!





XLV

Sua alteza real o pequenino infante  
Matou, d'um tiro só, dois gamos na carreira :  
Um hymno mais ao céo, pois era a vez primeira  
Que sua alteza vinha á diversão galante !

Ó vergonhea gentil ! quando um tropel distante  
De subito acordar os echos da clareira  
E uma preza cansada, em rolos de poeira,  
Varada, a vossos pés, cair agonisante,

**Acercai-vos então da pobre fera exangue  
Que estrebuxa de dôr n'um mar de lama e sangue  
Sem que um grito de dó nos corações acorde!**

**No entanto não fiqueis na doce gloria absorto :  
O velho javali parece ás vezes morto  
Mas surge da agonia e os seus algozes morde!**



XLVI

VERSOS A \*

Eu sou, mulher suave, aquelle antigo louco,  
O triste sonhador que o teu olhar cantou,  
E que hoje vae sentindo, o sonho, a pouco e pouco,  
Fugir como o luar d'um astro que expirou !

Que morra, porque, emfim, bem longo elle tem sido  
E tempo é já, talvez, da Morte desposar  
O sonho que em minha alma entrou como um bandido  
E só da vida sae depois de me roubar !

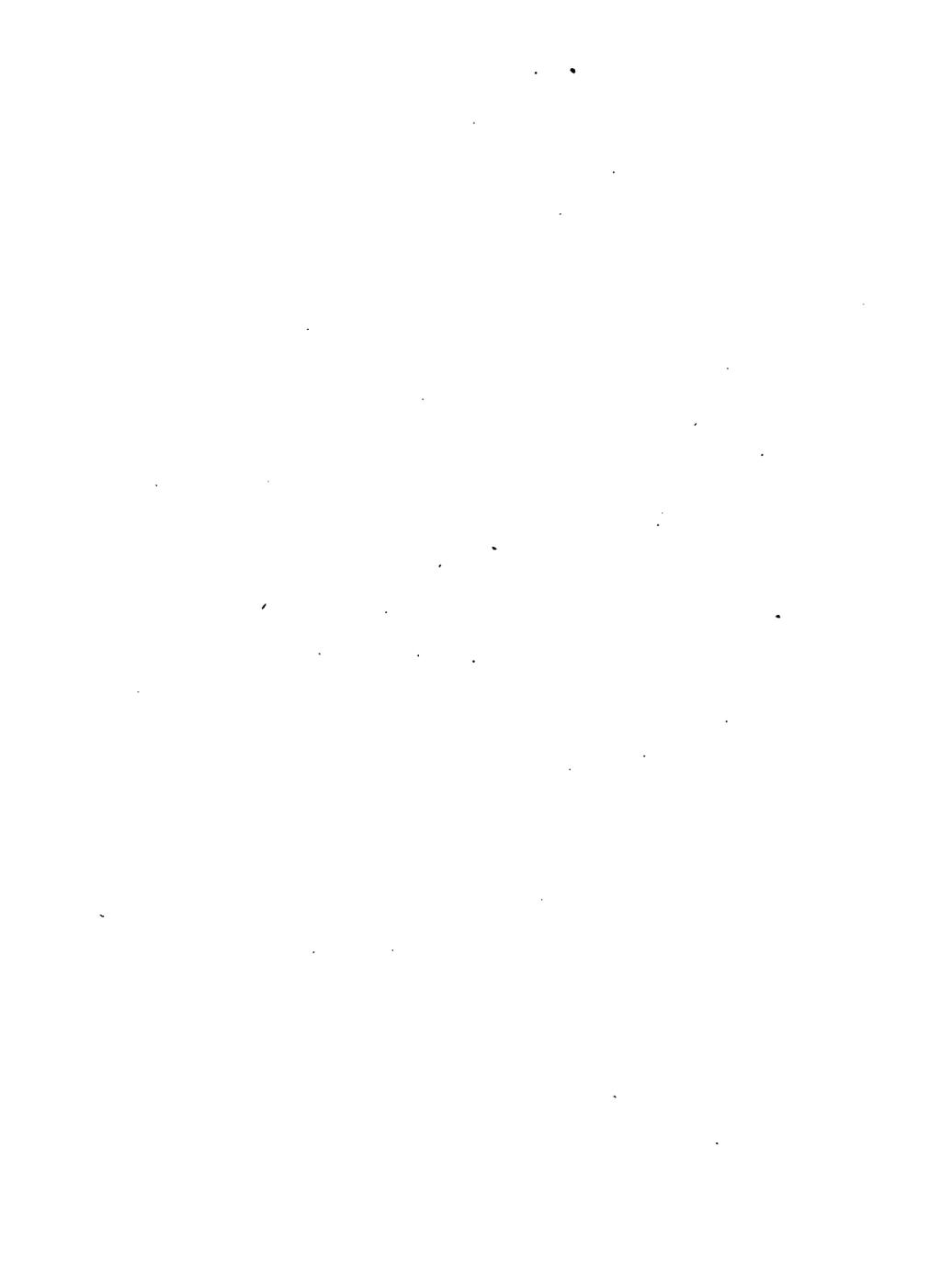
Eu devera amarral-o á braga do forçado,  
Como a Justiça faz aos desprezíveis réos,  
E lançal-o depois á valla do passado  
Aonde o fulminasse a colera dos céos.

Mas não ; quero embalar-lhe os ultimos momentos  
Ao som d'uma canção das quadras juvenis,  
E amortalhar depois — em doces pensamentos —  
No manto da saudade, os seus restos gentis.

E quando elle seguir ás regiões saudosas,  
Aonde todos nós iremos repousar,  
Ao esquite hei de atirar-lhe as derradeiras rosas  
Que dentro de minha alma houver por desfolhar!

Ninguem profanará seus restos adorados,  
Que em paz irão dormir n'um fundo mausoleo ;  
E quando alguma vez já hirtos, regelados,  
Em, por ventura, á luz que vem do céo ;

Em vão tu baterás, ó sonho, á fria porta  
Que em breve has de sentir fechada sobre ti,  
Porque a tua Memoria, emfim, já estará morta,  
E não te escutarei... porque tambem morri!





XLVII

Ó pobres versos meus, lança-vos pela estrada  
Agreste e pedregosa, aonde os companheiros  
Da luta, encontrareis, meus infimos guerreiros,  
Formando os batalhões da bellica avançada !

E o traje em desalinho, a face illuminada,  
Transponde, sem demora, os fossos derradeiros  
Que separam de nós os braços justiceiros  
Da serena Verdade, a Deusa idolatrada.

Vencidos no combate, ou pouco ou nada importa.  
Ao chão vergae sem pena a face semi-morta,  
Mordendo, inda a lutar, o pó da enorme liça :

E tudo, emfim, esquecendo; os odios e os desprezos;  
Que d'entre vós alguns, ao menos, fiquem prezos  
Como fios de luz, ao manto 'da Justiça !

Fim.

# **APPENDICE**





Nas paginas que em seguida se leem acha-se tão bem determinada, com tanta eloquencia e tão profunda observação, a missão da poesia contemporanea, que não podemos resistir ao desejo de as trazer das folhas passageiras do jornal, aonde pela primeira vez viram a luz, para as paginas d'este livro, por ventura um pouco menos ephemeras.

O autor das *Radiações da Noite*, intenta sobretudo mostrar que o seu espirito, correspondendo ás

indicações da critica, procura inspirar-se, tanto quanto lhe é possível, no mundo que o cerca, nos factos e nas acções do nosso tempo. Das *Radiações da Noite á Alma Nova* poder-se-ha talvez notar um certo caminho andado na direcção em que vae seguindo a arte contemporanea.

Do escripto como primitivamente foi publicado, entendemos, como o leitor tambem de certo comprehenderá, suprimir, hoje, a parte final em que o talentoso critico se referia, d'um modo demasiadamente lisongeiro, á individualidade litteraria do autor das *Radiações*.

GUILHERME D'AZEVEDO

TENDENCIAS NOVAS

DA

POESIA CONTEMPORANEA

A PREPOSITO DAS

RADIAÇÕES DA NOITE

DO SR.

GUILHERME D'AZEVEDO





O seculo XIX, cujos primeiros annos enflorou uma corôa poetica de esplendor incomparavel, tem mentido cruelmente ás esperanças da sua aurora. Envelhecendo, perdeu o dom do canto, ou, pelo menos, o sentimento que faz os cantores verdadeiros. Os Goethe, os Byron, os Lamartine, os Miczkawicz, os Hugo, os Ehlenschlaeger, não deixaram descendencia digna d'aquella poderosa geração. O roman-

tismo foi um meteoro. O grande canto do seculo esvaeceu-se gradualmente n'um murmurio. A poesia contemporanea não tem unidade, e não tem sobre tudo o largo folego de inspiração, que caracteriza as verdadeiras épocas poeticas. O interesse do tempo dirige-se evidentemente para outro lado. No meio das preoccupações da actualidade, a poesia é como a canção de um conviva distraído que se afasta da sala do festim, e cuja voz se perde pouco a pouco no silencio da distancia e da noute.

Depois do apparecimento do romantismo, a sua queda é o maior facto litterario, do seculo. Porém essa queda, que como facto todos reconhecem, mas cuja phenomenalidade poucos tentam explicar, será uma justa sentença lavrada pela razão publica, ou será uma condemnação arbitraria que deshonra o tribunal que a firma? Indicará para o espirito do nosso tempo um progresso ou uma decadencia?

uma gloria ou um deslustre aos olhos da historia?

Não hesito em responder. O romantismo foi justamente condemnado. O seculo, com um sentimento lucido da sua verdadeira missão, affastou-se d'aquelles que lhe fallavam uma linguagem, cujo brilho, cuja eloquencia, cuja sinceridade, por maiores que fossem, não podiam encobrir o falso do principio, que a inspirava. Essa missão é essencialmente positiva, social e racional, e o romantismo era essencialmente apaixonado, individual e subjectivo. Por mais que se virasse para o futuro, a sua alma pertencia ao passado; enquanto que o seculo, ainda nos momentos em que parece invocar o passado, é sempre para o futuro que caminha. No fundo, uma sociedade saída da revolução, e uma poesia que se inspirava das tradições da idade-media, contradiziam-se, negavam-se radicalmente. Um equívoco

historico pôde por um momento estabelecer aquelle infundado accordo: no dia, porém, em que se conheceram, separaram-se.

Ainda ha muita gente que *sente, chora, crê, e aspira*, á maneira dos grandes melancolicos e apaixonados de 1820. Mas já nos não commovem como então, já não influem poderosamente no mundo que os rodeia. São vozes sem ecco. É quanto basta para que nada signifiquem, historicamente: tanto mais que aquellas vozes frouxas não teem já o timbre ardente de indomavel paixão, que nas outras nos commovia. A paixão d'estas é mais estudada na escola, do que saída do coração. Não é já como então, um convencimento violento dos direitos da propria loucura, que os inspira: são apenas os livros dos mestres: ora, não é nos bancos apertados da escola, mas no seio da livre natureza, que se criam os verdadeiros poetas.

Os poetas da geração actual vêem-se pois, rasgado aquelle veo phantastico da *sentimentalidade* d'outr'ora, em face d'uma sociedade, que elles não comprehendem, porque ella mesma a si se não comprehende bem, mas que os não quer escutar senão com a condição de lhe falarem d'aquillo que a interessa e a preoccupa, de se inspirarem da sua vida real e das suas verdadeiras aspirações. É d'esta situação anormal que resulta a incerteza, a anarchia, a fraqueza da poesia contemporanea. A idéa poetica acha-se confusa, embaraçada no meio de factos sociais, que se não definem claramente: as fontes da inspiração correm escassas ou turvas. A antiga nascente, tão querida e conhecida, está quasi secca: a nova, já por ser nova, e depois por que só deixa rebentar, em cachões, uma agua turbida, cheia de elementos estranhos, assusta os que a ella se chegam pela primeira vez; os mais ousados inclinam-se

uu momento, tomam a medo um golle da bebida suspeita, e retiram-se furtivamente como se acabassem de fazer uma acção má.

E todavia, é alli que é necessario beber, porque é alli, n'aquellas aguas rumorosas e confusas, que se conteem os elementos da inspiração real, os principios vitaes de que se nutre a sociedade, e de que tem por consequinte de se alimentar tambem a poesia, sob pena de se tornar uma abstracção, um phantasma, uma puerilidade. O problema da evolução poetica na actualidade encerra-se todo n'isto.

Mas aqui apresenta-se uma questão, que nos detem. Terá a sociedade contemporanea (essa sociedade, ao que dizem, positiva até ao mais desolador utilitarismo) na sua atmospha suffocadora de industria, de lutas sociaes e de sciencia friamente analytica, condições de vida e desenvolvimento normal constituição delicada das castas musas, das

musas melindrosas e scismativas? Não será uma sociedade essencialmente anti-poética, esta nossa, um mundo rebelde a toda a idealidade? Por outras palavras; poderá haver poesia racional, positiva e social? Será um ser *poetico* o homem do nosso tempo?

Intendo que pôde haver tal poesia; que a alma moderna, na sua titanica aspiração de verdade e justiça, é poética, poética essencialmente, d'aquella poesia forte e audaciosa dos mythos de Prometeu e Ajax; que ha uma fonte abundante de inspiração n'esta luta historica de nações, de classes e de idéas, que é a epopea e a tragedia viva do nosso seculo; que, finalmente, á maneira que os factos confusos da nossa epoca se forem desembrulhando, mais lucida e evidente se irá mostrando a idealidade sublime que n'esso chaos apparente se contém.

E a idéa d'essa poesia nova não só existe, mas devo ser superior á idéa poética das eras anteriores,

porque corresponde a um periodo mais adiantado da consciencia humana, penetra com maior intensidade a natureza e o espirito, extrae o bello da propria realidade universal, não das visões de um subjectivismo inexperiente, e dá por base ao sentimento, em vez de sonhos e intuições quasi instinctivas, os factos luminosos da rasão.

Os caracteres essenciaes d'essa poesia já hoje se podem indicar, e todos elles se consubstanciam n'uma palavra, que resume tambem as tendencias da nossa civilisação: o Humanismo. A inspiração social e naturalista vem substituir a sentimentalidade toda subjectiva e pessoal, ou o transcendentalismo contemplativo de outras idades poeticas. A poesia deixa de duvidar e scismar, para afirmar e combater; mostra-nos o interesse profundo e o valor ideal dos factos de cada dia; dá ás acções, que parecem triviaes, da vida ordinaria, um character e

significação universaes; e sorrindo maternalmente para as creanças, as mulheres, os simples, caminha todavia armada no meio das lutas dos homens.

Uma tal missão ninguém dirá que é mesquinha ou vulgar: ha n'isto com que tentar os mais altos engenhos, captivar os corações mais generosos. E, sobre tudo, deve seduzir os espiritos verdadeiramente poéticos acharem-se em communição directa e constante com o seu tempo, com as aspirações, os interesses, as crenças da sociedade que os rodêa, e de cuja vida vivem, como meio historico a que fatalmente pertencem.

Certamente que essa evolução nova da poesia tem de ser lenta, como lenta é a evolução do ideal social, que a deve inspirar. Ha um certo receio, e uma certa incerteza. O novo assusta: o indistincto faz hesitar, mas insensivelmente, e fatalmente tambem, caminha-se n'aquella direcção. Os symptomas

d'este movimento tornam-se cada dia mais accentuados. Em França e Allemanha, sobre tudo, paizes aonde as idéas e tendencias novas se pronunciam n'uma agitação crescente, podem já indicar-se exemplos bem significativos; em Allemanha ainda mais do que em França. Alli a poesia inspira-se resolutamente das lutas sociais e religiosas do tempo, e abalança-se já, ainda que com incerta fortuna, ás grandes composições epicas, aonde se desenha uma sociedade, consubstanciada nos seus typos e paixões mais caracteristicas. Entro nós, ha apenas indicios tenues e raros, mas que, porisso mesmo, devemos recolher tanto mais cuidadosamente, quanto parecem provar que nem tudo está inteiramente morto no espirito portuguez, e nos animam a esperar com alguma confiança n'um melhor futuro.

.....

ANTHERO DE QUENTAL.

# INDICE





## INDICE

I — Eu poucas vezes canto os casos melancolicos.....	9
II — Eu vi passar além vogando sobre os mares.....	15
III — VELHA FARÇA.....	17
IV — GRAÇA POSTHUMA.....	21
V — HISTORIA SIMPLES.....	25
VI — Á meza do festim cercada de formosas .	31
VII — Os SONHOS MORTOS.....	33
VIII — FALTA A ORDEM.....	37
IX — Ó lyrios da cidade, ó corações doentes.....	39

X — MISERIA SANTA.....	41
XI — ASTRO DA RUA .....	45
XII — Quando Martha morrer, depois do extremo arranco.....	49
XIII — AS VICTIMAS.....	53
XIV — EVOCACAS.....	59
XV — Boas noites, coveiro, a tua enxada . . .	63
XVI — FLOR DA MODA .....	65
XVII — Ó machinas febrís, eu sinto a cada passo	69
XVIII — A CHRISTO.....	71
XIX — Eu tive um sonho estranho : ouvi que vou dizel-o. ....	77
XX — O GRANDE TEMPLO.....	81
XXI — A UM CERTO HOMEM .....	85
XXII — Á HORA DO SILENCIO .....	91
XXIII — Eu quizera depois das lutas acabadas..	93
XXIV — O VELHO CÃO.....	95
XXV — AS VELHITAS.....	99
XXVI — AS VIZÕES.....	103
XXVII — Melancolias d'outono ! eu quando além descubro.....	107
XXVIII — O VELHO MUNDO.....	109
XXIX — Eis a velha cidade, a cortezã devassa..	113
XXX — Á NOITE.....	115
XXXI — A VALLA.....	121
XXXII — Ó vultos ideacs, fantasticos e bellos . . .	127

XXXIII — Eu vejo em tua boca as petalas verme- llias: .....	129
XXXIV — NÓS CAMPOS .....	133
XXXV — O ÚLTIMO D. JUAN .....	139
XXXVI — Formosuras do inverno! Ao sol das duas horas .....	143
XXXVII — ANTIGO THEMA .....	145
XXXVIII — A MÃE .....	149
XXXIX — Arcanjo vae-te embora, é tarde em nos- sas casas .....	155
XL — SANTA SIMPLICIDADE .....	157
XLI — O velho Olimpo dorme o hom fominno pro- fundo .....	161
XLII — Os PALHAÇOS .....	163
XLIII — A hydra .....	167
XLIV — Os NOVOS LEVIATHÃS .....	171
XLV — Sua alteza real o pequenino infante....	175
XLVI — VERSOS A* .....	177
XLVII — O pobres versos meus, lançaes-vos pela estrada .....	181
APPENDICE .....	183





## NOTA

Na revisão d'este livro escapou uma ou outra incorrecção que não mencionamos, e de que o leitor benevolo nos absolverá. A paginas 63, devemos porém notar, em especial, o 3.º verso, que insidiosamente apparece mascarado em alexandrino puro, feição que de certo lhe não compete. Aos entendidos concedemos plena autorisação para demolir o verso referido, reconstruindo-o depois como julgarem mais proprio.



31  
25  
46  
55  
33  
93  
4  
7.4

